

## **.A MELÂNCIA E O CÔCO GRANDE**

A tarde caminhava lentamente no fim da primavera e o verão começava emergir, soprando um vento temperado que fazia balançar os galhos das árvores que circundavam a grande casa, sede da Fazenda São Gerônimo, propriedade do Senhor Herculano Fonseca, homem de meia estatura mostrando seus trinta e cinco anos de idade e trazendo sempre um sorriso amigável e cativante. Vestia uma camisa xadrez, calças de brim cáqui e calçava botinas marrons. Quem se aproximasse do senhor Herculano podia ver, os seus grandes olhos verdes, cabelos castanhos, rosto ovalado, sobressaindo-lhe as bochechas coradas e queimadas pelo sol do campo.

A grande casa era alegre, possuía, à frente, um bem tratado jardim onde os matizes das folhas emolduravam as suas flores.

Por entre os gramados e flores, com uma rosa branca na mão estava, Dona Virginia, uma mulher de seus trinta anos, esbelta, olhos castanhos, cabelos negros e compridos. Seu rosto redondo, o jeito tranquilo de olhar, sua simpatia cativava à primeira vista. Dona Virginia formava com o Senhor Herculano, o casal Fonseca. Se na frente da casa havia um esplendoroso jardim, pelos fundos, à vista de uma varanda ornamentada com verdejantes folhagens, prolongava-se um bem tratado quintal, repleto de árvores frutíferas onde sobressaía-se um conjunto de mangueiras e abacateiros, que sombreavam um recanto onde jazia um grande toco preto, queimado após a derrubada.

O casal vivia feliz naquele oásis, uma propriedade de grande valor que os faziam respeitados por todos os habitantes da redondeza e da pequena vila mais próxima, “Santa Fé”. Todos os dias uma carruagem com cavalos brancos atrelados fazia o transporte da fazenda São Gerônimo à Vila Santa Fé.

Foi assim, no fim do inverno, que também da varanda observei a carruagem contornando a encosta do morro ao leste e dirigindo-se a grande casa, fazia sair de seu interior uma garota de sete anos acompanhada pela criada. Logo após chegada, o cocheiro puxando pelas rédeas levou a carruagem e os animais para a estrebaria que se situava do lado esquerdo, num nível bem inferior e distante uns trezentos metros.

Lazinho era o cocheiro, mulato muito alto, forte, gostava, quarenta anos aproximadamente, gostava sobretudo daquele tipo de trabalho, mas era somente um trabalho matutino, pois a tarde, tinha outras atribuições, como tratar dos animais, cortar o capim, engraxar troles, carretes e o último tipo de carruagem.

A criada, uma senhora cinquentona com alguns conhecimentos rudimentares de boas maneiras, era chamada por Helena, tinha a cor morena, cabelos pretos cobertos sempre por um lenço

branco, o corpo um pouco avantajado pela pequena estatura; mas era sem dúvida um pessoal de confiança do casal Fonseca.

## II

O outono rompeu triunfante, as folhas secas estavam sendo empurradas pelo vento, brincando de corre-corre no quintal, à sombra do abacateiro, quando a tarde era morna. Regina brincava com suas bonecas. Os seus sete anos de idade fazia embalar seus sonhos infantis. O casal Fonseca adorava sua linda filha que veio ao mundo com um par de olhos verdes, cabelos longos e negros, tez morena clara aveludada, acompanhada de um jeito alegre e de viva inteligência.

A menina acostumada à solidão vivia assim o tempo infantil, seus projetos e seus sonhos. No entanto, os pais de Regina sentiam falta de companhia para sua filha, pois até então a garota não conhecia a sociedade e com a

necessidade de escola, começou diariamente a ir à Vila ver meninos e meninas brincarem juntos, trocando ideias e executá-las.

Assim o casal Fonseca, sentia-se amargurado com a solidão da filha querida. Helena a criada, que também adorava Regina, fazia-se passar por criança para satisfazer os anseios da garota.

O inverno chegou bafejando tristezas. As plantas despiam-se de folhas e de flores, a relva seca e a poeira sondavam a fazenda São Gerônimo.

Lazinho tinha que alimentar os animais com reservas dos grandes silos. Numa manhã fria, ao entrar na cocheira encontrou um menino em cima de uma pilha de sacos de farelo, observou-o, viu que o mesmo estava gemendo de frio e fome e indagou-o: --Que está fazendo aqui?

--Nada ... nada não...

Como assim? – Você está esfomeado e gelado, vamos, levanta-se, pois quero ajudá-lo...

O menino levantou-se e sentado contou a Lazineiro como viera até ali.

--- Não tenho pai nem mãe, morava com minha avó já um tanto velha; esta morreu e tive que sair pelo mundo. Na cidade não há emprego para um menino de nove anos que nada sabe fazer então, estou buscando trabalho no campo.

---Como é o teu nome?

---Rodolfo, sou filho natural e não sei nada de minha mãe. Na cidade me chamam de Rodolfo Freitas, sobrenome de minha avó. O resto eu não sei.

---Bem, vou buscar algo para você se proteger do frio e alguma coisa para comer.

---Obrigado, estou gostando desse lugar.

Rodolfo vestiu um paletó trazido por Lazineiro e que pertenceu a Regina.

Comeu e bebeu sentindo-se mais animado.

Lazinho observou melhor o menino, olhos azuis, cabelos louros encaracolados, mãos compridas, gestos delicados e amáveis. Sentiu que a sua frente estava uma alma pura, vítima de seres irresponsáveis, de pais sem escrúpulos e sem amor.

Uma grande dor invadiu o seu coração e se dispôs a ajuda-lo, mesmo que isso viesse causar-lhe aborrecimento.

### III

O cocheiro recolheu Rodolfo em sua casa e levou ao conhecimento do Senhor Herculano tudo o que ocorrera. Pediu aprovação do patrão, que num sorriso mais largo que o normal murmurou:

--- Meu caro Lazinho, esse menino foi mandado por Deus, sabe que a nossa Regina é muito solitária e precisa de um companheiro. Por que não adota-lo como irmão?

Com passos apressados, rumou à casa grande para falar do acontecimento a Virginia, sua adorável esposa, que sempre concordava com as suas decisões.

Assim Rodolfo foi adotado como filho do casal e uma alegria imensa invadiu mais uma vez aquele lar. O menino passou a chamar-se Rodolfo Fonseca.

Lazinho e Helena agora tinham maiores afazeres, a carruagem ganhou mais um passageiro e Regina ganhara o amiguinho-irmão tão ambicionado pelos pais.

Apesar de todo esplendor do jardim fronteiro à casa, o casal de criança sempre preferiu o quintal para brincar, e o local era atrás do toco preto.

Assim Regina e Rodolfo foram crescendo e com eles crescia o afeto mútuo; até que numa tarde bem atrás do toco preto Rodolfo resolveu se declarar.

--- Regina, sabe que apesar de passarmos o dia inteiro juntos, ainda



não consigo esquece-la, especialmente a noite quando estou sozinho.

--- Que bom que me diga essas palavras Rodolfo, pois o mesmo vem acontecendo comigo, mas nós somos ainda crianças; tenho só dez anos! Tenho medo que nossos pais descubram o nosso namoro.

Vamos fazer o seguinte: a partir de hoje você me chamará de “Melancia” e eu o chamarei de “Côco Grande”

--- Dê-me a mão, trato firmado, qualquer mensagem entre nós será como tal.

--- Você gosta de mim Coco Grande?

--- Eu a adoro Melancia.

Muitas primaveras floresceram e o segredo foi mantido, passaram-se os dias da infância, raiara os dias da adolescência e eis que Rodolfo completa dezoito anos. O silêncio o disfarce, tornava-se impossível e a desconfiança dos pais e dos criados é confirmada, o ambiente já não é descontraído, uma certa apreensão toma conta do casal Fonseca, que

nunca poderia aceitar o filho de criação como genro. Alguma solução haveria de ser tomada, mesmo que viesse machucar as pessoas, mesmo que fosse doer dentro década um. Assim o Senhor Herculano, depois de muita meditação conseguiu achar o caminho. Falou demoradamente com Dona Virginia. Finalmente fechou-se o coração e teve a coragem de pôr em pratica os seus planos.

No dia seguinte, mal saíra da mesa após saborear o cafezinho interpelou:

--- Rodolfo, preciso falar contigo.

--- Pelo jeito trata-se de coisa séria.

--- Meu filho, às vezes, nossa boca tem que dizer palavras que o coração não quer que sejam ditas. Como vê, a situação é difícil até para você ouvir, mas tenho que dizer, sem detalhes e você entenderá, tenho certeza.

--- Pois diga então!

---Aqui estão cento e cinquenta contos de reis para você arrumar a vida --- não pode continuar nesta casa e jamais

deverá regressar, pois sabe muito bem as razões dessa de decisão e, por favor, não me pergunte nada, absolutamente nada, pegue o dinheiro e vá com Deus sem alimentar esperança alguma.

--- Sequer posso justificar o sentimento?

--- Adeus meu filho, Virginia não quer despedir-se e Regina foi a Vila. Se quiser despedir dos criados, pode fazê-lo, mas antes que o sol se vá ao poente deve estar longe da fazenda São Gerônimo.

---- Adeus e meus agradecimentos a todos.

Assim Rodolfo partiu com o coração sangrando e Regina ignorava todo o ocorrido

#### IV

Enquanto Rodolfo partia de São Gerônimo, Regina voltava de Santa Fé; o hálito quente da tarde penetrava na carruagem e bafejava o seu rosto

fazendo sobressair o rosado de suas faces.

Lazinho gesticulava na boleia e gritava com a parelha de cavalos brancos que a fazia deslizar pelos campos.

Ambos sentiam que algo estranho estava acontecendo em casa.

Quando chegaram à, Dona Virginia esperava a filha no jardim e assim que mesma desceu da carruagem, a mãe informou-a do ocorrido.

Regina ouviu pacientemente e os seus olhos marejavam de lágrimas, todos os projetos de infância puberdade e juventude foram comprometidos.

Pediu licença a mãe e retirou-se.

Todos os dias, pela manhã e à tarde visitava o velho toco preto, olhava para o poente e deixava cair gotas brilhantes de lágrimas.

Helena já envelhecida, compadecia-se com o sofrimento de Regina procurando contar histórias e arranjar amigos para a donzela tristonha.

--- Senhor Herculano, precisamos fazer uma festa nesta casa, assim nossa menina diverte um pouco e volta ficar alegre.

--- Boa ideia Helena, vou falar com Virginia para que possamos realizar esta festa. Vou convidar todos os moços e moças da Vila, terá músicas bebidas e comes até a hora que o povo quiser.

Como sempre Dona Virginia concordou, e a festa foi organizada.

Vieram pessoas de todas redondezas, não faltou música e todo o tipo de iguarias. Regina vestia um vestido de re4nda cor de rosa que fazia contrastar sua tez e seus cabelos negros que realçavam em meio a outras moças.

Sergio, filho único do Prefeito de Santa Fé, moço de vinte e cinco anos, cabelos castanhos lisos, um metro e setenta e cinco centímetros de altura, flertava insistentemente com Regina, e chegando a ela indagou:

--- Você não vai mais a Vila? Sabe, é a donzela mais bela da região.

--- Obrigado pelo lisonjeio, mas... você sabe, não adianta... Bem vamos lá ao terraço.

Regina desabafou as suas mágoas a Sergio que a todo custo insistia em conquista-la, prometendo ser capaz de fazê-la feliz.

Assim foi a festa, mais um recurso para a aproximação de ambos. Sergio enamorou-se de Regina e todo fim de semana vinha à Fazenda São Gerônimo coteja-la.

## V

São decorridos dezoito meses.

Rodolfo aplicou todo dinheiro na compra de gado e contratou Manoel (homem de meia idade, experiente, baixo, olhos azuis, cabelos loiros e lisos) para ajudá-lo na condução da tropa.

Manoel era alegre, gostava de poesia, tocar violão, cantar e dançar. Todas paradas da tropa eram acompanhadas

de poesia, música e canto. Numa das pousadas Rodolfo enviou uma carta a Regina aos cuidados do Lazineiro, esta carta informava a sua amada sobre o lugar que sempre pernoitava.

Numa tarde de verão, quando o sol largava seus últimos raios, um homem de boné trouxe uma carta para Rodolfo;

Santa Fé, dezembro;

Querido Rodolfo

Aproveitei a ausência de meus pais para escrever-te e é com muito pesar que anuncio o meu casamento com Sergio, filho do Prefeito. O enlace será realizado na Igreja de Santa Fé, às 17 horas do dia 29 da corrente.

Fica com esta mensagem, todo o meu sentimento e meu sincero abraço.

Quem te ama

Regina.

A carta deixou o jovem deprimido a tal ponto que Manoel não se conformava com o comportamento do patrão.

--- Senhor Rodolfo o que há? Depois que recebeu aquela carta ficou derrubado!

--- Qual nada é uma carta à toa, de lugar qualquer e de uma pessoa qualquer

--- Nada disso é verdade, o Senhor me engana, diga logo a verdade.

--- Bem, então vou dizer-lhe

Rodolfo contou tudo a Manoel, sem esconder detalhe algum.

--- Nada está perdido, caro amigo, se me autorizar e me seguir, terá a sua amada para sempre.

--- Pois bem Manoel, planeja bem porque tem autorização minha para trazer a meus braços a minha amada Regina.

Manoel traçou todo o plano nos mínimos detalhes e rumou junto a Rodolfo para o vale da fazenda São Gerônimo, às vésperas do casamento.

Sozinho, Manoel foi bater à porta à casa dos Fonseca:



--- Quem é o senhor? Indagou Dona Virginia, que atendeu a porta.

--- Sou um vaqueiro que busca água e se possível um pouso para esta noite.

--- Beber água aqui hoje? Nada disso, amanhã haverá casamento nesta casa, por isso, aqui hoje e amanhã só se bebe cerveja, estando o senhor convidado para tal, pois, vejo na sua bagagem um violão que poderá ser útil à festa de amanhã.

Manoel, mais que depressa aceitou o convite, entrou na casa, e com seu jeito alegre conquistou a todos; trabalhou bastante e conseguiu despertar uma grande dose de confiança.

Conforme previsto, o casamento foi realizado na Vila as dezessete horas, após a cerimônia, os noivos rumaram de carruagem à fazenda São Gerônimo.

A noite chegou, a festa estava animada, Manoel com violão dava show. De repente, houve um silêncio e os convidados pediam mais música. Manoel gesticulou e disse:

--- Somente continuarei a cantar, se a noiva me der um copo de vinho.

A noiva então atendeu o seu apelo enchendo seu copo de vinho. Manoel bebeu e levantou-se para declamar:

Da bebida que bebi,

Esta é a mais sincera,

Eu te digo Melancia

Coco Grande tá na terra

Regina ficou indignada e preocupada com os versos de Manoel.

A música continuou, bebidas rolavam para lá e para cá. De repente Manoel parou outra vez de cantar, e os convidados novamente começaram a pressioná-lo

--- Só canto se a noiva me der mais um copo de vinho

Regina mais uma vez, encheu o copo de vinho.

Manoel bebeu, e pôs-se a declamar:

Da bebida que bebi

Esta é a mais leal,

Eu te digo Melancia

Coco grande tá no quintal.

Perplexa, Regina ficou atentamente observando Manoel que alegre cantava e fazia vibrar as cordas do seu violão.

O noivo quis dançar com a noiva, ocasião que mais uma vez Manoel fez o seu último pedido.

Somente continuarei a cantar, se a noiva encher mais um copo de vinho.

Regina, com suas mãos tremulas, segurava a jarra e enchia mais uma vez o copo de vinho.

Manoel calmamente bebeu o vinho fitou a noiva nos olhos e declamou:

Por este mundo venho vindo

Por este caminho venho rolando,

Eu te digo Melancia, atrás do toco preto

Coco Grande tá te esperando

## A TRAIÇÃO

Uma cidade do interior paulista, as manhãs ensolaradas, operários que se levantam cedinho em busca de uma condução para o labor diário.

Arlindo havia conseguido emprego numa grande multinacional de alimentos. A manhã era promissora, primeiro dia de trabalho na empresa gigante. O movimento na portaria da fábrica, a ansiedade fazia-o crisar os nervos. Recém casado com uma linda garota, humilde e pobre, mas uma beleza estonteante, Marta era o seu nome, loura, olhos esverdeados, cabelos semi-ondulados, corpo escultural, sempre

trazendo com um belo sorriso exibindo seus dentes alvos e toda a sua simpatia.

Arlindo necessitava do emprego, estava desempregado há meses. Era um rapaz trabalhador, descendia também de uma família simples, sua mãe morava com o irmão numa pequena propriedade rural, herança de seu pai, já falecido.

A vida do casal, assim, seguia na maior harmonia. Arlindo tornou-se conhecido por todos na empresa. Um ser de bons princípios, possuía dotes pessoais invejáveis, carisma, inspirava confiança e começou a galgar melhores postos de trabalho, tornando-se encarregado de subsetor de departamento. Marta e Arlindo se completavam, viviam na mais doce paz de amor recíproco.

Marta era uma exímia dona de casa, sabia administrar como ninguém as lides domésticas e sempre guardava umas economias. Numa tarde, sentados no banco da praça, ambos conversavam sobre suas vidas e seus futuros.

--Sabe Lindo, estamos vivendo um mar de rosas, nunca poderia imaginar tanta felicidade.

-- É, meu amor, a vida para nós está sendo pródiga, tudo tem dado certo porque é no campo do amor onde estão as grandes realizações, eu te amo com todas as forças de meu coração.

-- Nós nos amamos, eu também quero-te com todas as forças da minha alma. Admiro-te cada vez mais, és o meu motivo de vida, sem você não saberei viver.

--Minha querida Marta, como sinto feliz ouvi-la a sua presença enche a minha de felicidade, cada palavra faz transbordar o meu coração de alegria, como te amo!

Já fazia dois anos que Arlindo estava trabalhando na grande multinacional. Tornou-se um funcionário de confiança e seu salário era condizente, ganhava o suficiente para dar uma vida tranquila a Marta. Até então não tinham filhos, mas estavam programando para o futuro.

Eram os primeiros dias de outono. Começara a soprar a brisa fresca. Numa tarde típica do interior, ao debruçar do sol na barra do horizonte, Arlindo regava as plantas do jardim fronteiro à casa quando no portão chega o seu irmão Jairo.

--Boa tarde. Como vão você e sua esposa Marta?

-- Vamos muito bem, e a mãe como vai?

--Justamente este é o motivo de minha presença, a mãe, esteve doente e sofreu uma cirurgia, agora está se recuperando na cama, precisa de mais de um mês de repouso. Mandou pedir a você deixar a Marta em casa para cuidar da casa e prestar atendimento a ela, até que melhore.

-- Meu querido irmão, vou falar com Marta, se ela concordar, não há problema, eu me viro por aqui e nos fins de semana irei ao sítio.

---Marta, o meu irmão Jairo está aqui, venha até o jardim!

--- Boa tarde Jairo, como vai? E a sogrinha está boa?

--- Não está não, esta é a razão de minha presença, o Arlindo vai falar com você, não sei se poderá fazer esse grande favor! Fala-me o que se trata.

Jairo repetiu-lhe o que havia conversado com o irmão.

-- Mas é claro que vou socorrê-los, basta o meu marido concordar, hoje mesmo irei.

Tudo acertado, Marta, junto com o marido e o irmão dirigem-se ao sítio da família.

Chegaram, já era noite, Dona Aurora estava deitada na cama.

--Minha querida Marta, que bom que você veio! Agora estou mais tranquila, a minha casa é simples, não vai dar muito trabalho, o mais importante é fazer a comida.

Marta assumiu a casa, colocou tudo em ordem, cuidava bem de Dona Aurora e sobrava tempo para passear pelos



campos, contemplar os pássaros, os animais e o pequeno rio de águas límpidas que cantava num recanto bucólico da propriedade.

Jairo observava a beleza da cunhada e murmurava num solilóquio..., como o meu irmão teve sorte, que mulherão, tudo nela é maravilhoso, excita-me!

Era uma tarde pitoresca, o sol fazia-se despedir no horizonte, um crepúsculo multicolorido enfeitava o céu, o negrume da noite de lua cheia começava despontar na barra do horizonte, um clarão começa esparramar entre as montanhas, o céu salpicado com miríades de estrelas, Marta, de volta do passeio encontra Jairo no jardim de entrada.

---Minha querida, você é a mulher mais bela do mundo, como és perfeita, tudo em você é esplendoroso.

---Não brinca, Jairo, o que está dizendo é coisa séria, até comprometedor, que seu irmão nunca saiba dessas palavras,

nos amamos e nos respeitamos mutuamente. Não brinca assim.

---Jairo aproximou-se mais e não se conteve, tocou-a sutilmente fazendo-a estremecer, beijaram-se, abraçaram-se e consumiram-se.

Segredo da alma e do coração, mas não da consciência, Marta agora carregava um pesadelo, uma dor profunda de ingratidão. A felicidade escapara de seu caminho, sentia-se traidora, sua honra estava manchada, precisava contar ao marido, e como fazê-lo?

Os dias passavam, Marta sentia ódio de Jairo, não tardou e a gravidez indesejável se apresentou, o segredo foi descoberto, a natureza nada oculta, tudo que é feito na escuridão, à luz do dia revelará, assim o episódio fez com a esposa contasse o ocorrido ao marido.

Arlindo tomou conhecimento, aborrecido com o acontecido, não se apresentava ao trabalho, um amargor dominava os seus dias, até que um dia foi chamado

pela direção da fábrica, para saber o que estava acontecendo.

Sentado frente à mesa, contou ao chefe todo o acontecido e disse não saber mais o que fazer, amava loucamente a esposa e nunca esperava uma traição, e, justamente do irmão. O chefe solidário com ele, disse: --- Você é um ótimo colaborador da empresa, eu não tenho palavras que possa solucionar o seu triste problema, na minha opinião deve procurar um Padre para ajudá-lo, não vejo outra solução, a situação é mesmo intrincada, carece de muitos cuidados no trato.

Saindo do escritório, Arlindo dirigiu-se à Igreja e procurou o Padre Manoel, este, recebeu -o com muita cortesia e carinho.

---- Entre amigo, sente-se, parece-me que senhor está muito preocupado, afinal o que lhe aborrece? Arlindo sentou-se calmamente, observou o semblante tranquilo do Padre, olhou

para as paredes da Igreja e contemplou Jesus Cristo crucificado, preso numa cruz, no fundo do quadro, uma tempestade, a mesma que ele passava em sua vida.

--- Padre Manoel, não sei como começar a minha história, sinto o peito oprimido, a garganta seca, esqueci das belezas da vida e nem sei mais nada de mim. ---Só sei que fui traído..., contou novamente a história ao Padre Manoel e calou-se.

--- Caro jovem, o amor zomba das pessoas e quer ridicularizar –vos, levou-o aonde a esperança é considerada um crime e os desejos uma infâmia. O amor que idolatra, elevou o seu coração ao sublime, mas a censura não cura dores e as queixas não mudam a realidade, não vejo outra saída a ser – ser tolerante e forte, aprender a perdoar, o perdão elevará a sua alma, perdoe duas vezes e crie esta criança como fosse seu próprio filho. É difícil, mas Deus o ajudará.

--- Padre Manoel, as suas palavras são lá do etéreo, compreendi a razão de

minha vinda à Casa de Deus, mas o meu coração sangra e a minha alma enlouquece, não sei o que fazer, estou muito confuso.

--- Jovem, não faça besteira, procure o Dr. Promotor de Justiça, ele o orientará sobre as leis, o seu caso é por demais complicado, não outra solução, somente debes seguir as leis que regula o caso.

--- Obrigado Padre, vou procurar o Doutor. -- Dirigiu-se ao Fórum e pediu uma entrevista com o Promotor Público.

A secretária introduziu na sala, mandou sentar-se até que o Doutor o atendesse, Arlindo observava o ambiente detalhadamente até que o Promotor entrou a sala e sentou-se à sua frente.

---Em que posso ser-lhe útil, meu caro jovem!

--- Doutor, trago uma complicação difícil de solução, a minha esposa traiu-me justamente com o meu irmão, agora está grávida, eu amo-a loucamente, Padre Manoel aconselhou-me a perdoar ambos e criar o meu sobrinho como

filho, mas está difícil Doutor, no meu coração, desfila sombras; e ele falou em perdão e lágrimas. Doutor só perdoarei se ela abortar essa criança.

--- Meu jovem, agora você está enlouquecendo, o aborto é crime, não posso aceitar esta proposta.

--- Doutor, a minha situação é de difícil solução, vou pensar, pensar e pensar, depois tomarei o rumo para minha felicidade.

Arlindo, voltou para casa, buscou sua esposa, perdoou ambos e voltou para a vida normal.

Passados alguns anos Arlindo e Marta, passeando pela cidade, encontraram o Doutor Promotor de Justiça, este reconheceu Arlindo e brincando com as palavras disse-lhe:

---Meu caro Jovem, como vai? Resolveu o seu problema?

--- Sim doutor, resolvi.

--- E a criança?

--- A criança morreu doutor!

O promotor, no dia seguinte mandou fazer uma busca no Cartório de Registro Civil e nada foi encontrado sobre a morte da criança.

Arlindo e Marta saíram de casa para tomar o ar fresco da tarde, estavam sentados ao lado de uma fonte de águas tremulantes quando aproximaram-se deles dois guardas policiais. Aproximaram-se pediram as mãos de ambos e disseram: vopresos, cometeram o crime de aborto, traíram as nossas leis.

## **A ÀGUA DÁ E A ÀGUA LEVA**

Corria o ano mil oitocentos e noventa e cinco, a Itália enfrentava uma crise financeira sem precedentes, o Brasil havia a poucos anos libertado os escravos, os proprietários de grandes Fazenda, sentiam dificuldades na manutenção dos enormes cafezais que se perdiam de vista e que eram naquela época o sustentáculo da economia brasileira.

Se faltava mão de obra no Brasil, na Itália havia sobra, o que provocava baixos salários, face a grande oferta. O norte italiano era o mais sacrificado. Os italianos, nosso querido imigrantes, então sem rumo, criaram uma frase esperançosa. “Vamos fazer a América no Brasil” e em navios pequenos aos milhares, através do porto de Génova, enfrentavam uma longa viagem, muitas vezes no porão dos navios, muitos



morriam na viagem e eram atirados ao mar. A febre tifoide a desnutrição e a pobreza faziam-no desembarcar nos portos de Santos e Rio de Janeiro enfrentando mais tarde, horizontes distantes, comidas estranhas, (feijão com farinha de mandioca), acomodações precárias. Ao meio do cafezal lá estavam eles, ferramentas nas mãos, roupas molhadas de suor, um olhar triste. Saudade da velha Itália que a noite era revivida com canções e tarantelas.

Entre esse grupo destacava a figura do senhor Ângelo Roseta, procedente da cidade Paese, Comuna de Treviso desembarcou no porto de Santos e foi encaminhado para a Hospedaria do Brás, de lá Ângelo foi remetido a Fazenda Santa Clara, no município de Santa Rita do Passa Quatro, onde com seu jeito alegre, espontâneo angariou a confiança e estima de todos que o cercavam. Católico fervoroso, puxador oficial de terços, cada vez mais ganhava posições entre os demais.

Zé Silva, um negro ex-escravo, aproximou-se de Ângelo e disse:

O Senhor gosta daqui?

— É diferente da Itália, lá já tem de tudo, aqui precisa melhorar muito, mas as pessoas são boas. — tenho certeza me darei bem nestas terras, vou fazer a América aqui.

Ângelo encontrou uma patrícia, muito bonita, a italiana era loura, trabalhadeira, estava sempre rindo, achava graça em tudo. O italiano logo apaixonou-se por Natalina, namoram uns tempos e casaram-se na Igreja de Santa Rita de Cássia, a noiva de braços dados com noivo descia pela calçada da Avenida, o noivo traja um terno azul marinho e a noiva um vestido branco comprido e trazia nas mãos um buquê de flores. Após o casamento o casal vivia uma vida cheia de felicidades, o tempo foi passando com ele foram chegando os filhos a união lhes presenteou com seis filhos, quatro homens e duas mulheres.

Zé Silva sempre foi o grande amigo de Ângelo, ambos gostavam de caçar pássaros, assim a amizade cada vez se consolidava. ---Ângelo e Natalina com mais de cinco anos juntos conseguiram, com muito trabalho e determinação juntar um dinheiro razoável, com este dinheiro compraram um sitio no Barro Preto, próximo a Serra do Fubáseiro, mudaram-se para suas terras e contrataram o Zé da Silva, para ajudar na lida diária.

--- Seo Zé, por favor coloque o burro no arado, para que possamos rasgar estas terras onde vamos plantar milho, arroz, feijão, batata e mandioca. ---Vamos ter bastante trabalho, mas a terra é de primeira e vai produzir como nunca.

---Veja Senhor Ângelo, que beleza de rio de corre nestas terras, aqui há muitos pássaros, eu vi até um casal de papagaios, vou tentar pegá-los.

Sabe Zé assim que fizermos a colheita, vou comprar um lote de gado de ordenha, vamos tirar leite e vender para

o Lacticínio, assim todo mês vamos ter dinheiro na mão.

A plantação bem cuidada brotou, cresceu, maturou e foi colhida com sucesso, a família Roseta gozava de muito crédito, os seus filhos estavam crescidos e já começavam namorar.

Um belo dia Zé da Silva vem da beira do rio gritando, peguei, peguei, estava lá no toco do ficheiro. Peguei o papagaio, é lindo, vou ensiná-lo a falar.

--- Zé, deixe-me vê-lo, vamos cuidar dele, fazemos um poleiro, colocamos na cozinha para que ele aprenda falar logo.

Ângelo havia feito uma série de colheitas e com o resultado adquiriu uma grande tropa de gado leiteiro – toda madrugada lá estavam eles, ordenhando as vacas.

Zé da Silva colocava os latões enfileirados, sempre cabendo a mais em cada latão uns 5 litros.

Ângelo vinha logo após completando com água da mina, dessa forma todos os dias o leite era vendido com água.

Numa manhã, Zé da Silva, ao tomar café, trouxe o papagaio Louro até o Curral, a ave observando o senhor Ângelo disse:

--- Não faça isso não, a água dá e a água leva.

---Quem foi que te disse isso, murmurou Ângelo, você não sabe nada, pare de dizer bobagem, quem te disse que eu estou pondo água no leite? ---Ninguém, eu vi.

Zé da Silva completou – faz tempo que eu te disse a mesma coisa.

--- Então foi você que ensinou o Louro a me perseguir?

--- Não, não precisa dizer nada, os assuntos da água no leite até os porcos sabem -- o senhor está rico, não precisa fazer isso. Daqui a um mês vai viajar para a Itália e eu vou fazer tudo correto.

Passou um mês, Ângelo e Natalina arrumavam a mala para a viagem. Vamos levar a mala maior cheia de dinheiro, trocaremos em dólar para fazermos os investimentos na Europa.

Compraram a passagem para o Navio e saíram rumo a Santos.

Zé da Silva acompanhou-os até o Porto, levando consigo o papagaio Louro.

Ângelo e Natalina preparavam-se entrar no navio, o papagaio no ombro do Zé da Silva, gritava, cuidado com a mala, cuidado com a mala, a água dá e a água leva.

No tempo em Ângelo andava a beira do navio, a mala de dinheiro, escapou de suas mãos, afundou-se no fundo do cais e Ângelo murmurou.

---Maldito papagaio!

## **A VISITA**

Numa pequena propriedade rural, situada ao lado de grande vale com paisagens bucólicas, havia uma casinha branca, bem conservada, atrás um pequeno rancho onde, nas manhãs era

ordenhado o gado; mais adiante um variado pomar se divisava com um arroio de águas límpidas que corria sossegadamente por entre suas margens, cujo ruído, seu cantar, quebrava o silêncio da solidão.

De manhazinha mal o sol aparecia na barra do horizonte, Paulo já estava no rancho preparando as vacas para serem ordenhadas. Lena sua esposa, preparava o lanche matinal e o cheiro de café fresco dominava todo o ambiente. Era uma manhã exuberante de outono, um friozinho roçava as plantas, os animais movimentam-se, a propriedade era possuidora de uma grande variedade de aves, suínos, caprinos e outros animais de trabalho.

Paulo e Maria viviam junto a um único filho ainda menor de idade que se chamava Oscar. A vida para a família era monótona, a paisagem apesar de linda tornou-se cansativa, a mesma montanha, o mesmo rio, a mesma casa, o mesmo rancho, as manhãs e as tardes muito parecidas, faziam o casal dialogar:

-Lena, tu não estás cansada de ficar aqui todos os dias?

-Estou sim, Paulo, não vejo a hora de ir à cidade! Quero ver gente, movimento, comércio, coisas bonitas, encontrar amigos.

- Pois olha, eu também estou entediado, não vejo a hora de sair, levar o nosso menino para conhecer a cidade, matar a saudade de meus amigos, tomar uma cervejinha bem gelada. Sabe, Lena, a gente tem aqui muita fartura, nada falta para a nossa subsistência, mas precisamos arejar a cabeça com coisas novas, trocar esta solidão, este silêncio, por um pouco de agitação e barulho da cidade.

-Pois é, Paulo, se você estiver de acordo, hoje vou preparar as nossas roupas novas e amanhã cedo vamos até a estrada, pegamos uma carona e em pouco tempo estaremos na cidade.

-A ideia é maravilhosa! Pode arrumar as nossas coisas, vamos adiantar os serviços. Depois que eu



ordenhar o gado, nós partiremos. Vamos a pé até a estrada, pegamos a carona e vamos à cidade. Visitaremos o compadre Aleixo e a comadre Cida, padrinhos do Oscar, assim nós almoçamos lá.

No dia seguinte, o casal levantou-se mais cedo, conforme combinado, tomaram todas as providências e rumaram à cidade. Santa Isabel, uma pequenina cidade encravada nas montanhas de Itatiaia, pacata, porém de um povo ordeiro e encantador que recebia sempre os seus visitantes com alegria, oferecendo amizade e cordialidade.

Assim a família do senhor Paulo entrou e caminhava pelas ruas. Tão logo começaram sentir toda a camaradagem de seus habitantes. Visitou a Igreja Matriz, Praça Pública, passearam pelas ruas observando vitrinas e depois rumaram à residência do compadre Aleixo.

Dona Cida recebeu-os com cordialidade oferecendo um cafezinho, prontamente

aceito pelos visitantes. Sentados uma mesa, enquanto tomavam o café, o senhor Aleixo e Paulo conversavam com fervor. Dona Lena de outro lado, sem muito assunto, falava do sítio, sua querência.

-Sabe, Cida, moramos num lugar longe, mas muito bonito. As manhãs são maravilhosas e as tardes, então, nem é bom falar do nosso céu azul violeta e do crepúsculo colorido e encantador. Cedo, da cama, ouve-se esvoaçar pesado das galinhas e o cantar do galo, o mugir das vacas e, pelas frestas da janela, você pode ver o raiozinho de sol penetrar em casa. Temos tudo de bom e uma imensa fartura que nos faz feliz.

- Que bom, dona Lena! Nós aqui na cidade não temos nada disso, tudo que precisamos vamos buscar no mercado a troco de dinheiro; a vida aqui é difícil, tem ainda que pagar o aluguel da casa!

Após a café dona Cida, convidou-os a sentar na varanda enquanto o almoço era feito.

-Tenho um imenso prazer em convidá-los para almoçar com a gente, se vocês não se incomodarem com a nossa simples comida.

-Aceitamos, dona Cida! Eu, Paulo e Oscar ficamos muito agradecidos.

- O almoço está na mesa! Por favor, avise o compadre, nosso afilhado e Aleixo para sentarem à mesa porque o almoço está servido.

Sentaram todos, não faltando elogios à cozinheira, a comida feita com capricho aguçava os paladares.

-Paulo, vejo você uma pessoa tranquila com semblante descansado, conta-me o segredo!

-Sabe compadre, a vida na roça é dessa natureza, lá nós comemos bem, dormimos cedo, não há nada que nos assuste. O lugar é muito bonito, vivemos junto à natureza.

- Paulo, a vida aqui na cidade é muito cansativa, muita fofoca que me faz cansado.

- Compadre, você precisa de um descanso, estou oferecendo a minha casa para você e a comadre passar uns dias com a gente, assim descansará e vai recuperar sua saúde.

-Ah! Paulo, é difícil sair daqui! Em todo caso se me der na teia, eu e a Cida qualquer dia aparecemos lá.

Terminado o almoço, os anfitriões saíram com os visitantes para mostrar a cidade e, à tarde, a família de Paulo voltou para o seu sítio, sua casa.

Passaram-se alguns meses. Numa tardinha, dona Lena avistou lá em baixo o caminho e duas pessoas vinham em direção a sua casa.

-Paulo! Paulo! Adivinha quem está chegando? Veja lá quem vem vindo!

-O compadre Aleixo e a comadre Cida.

-E não é que vieram mesmo?

-Vamos arrumar o quarto para eles descansarem.

Aleixo e Rita ao se aproximarem diziam.

- É mesmo um lugar lindo, tranquilo e reparador.

O casal foi recebido com cortesia, tomaram um banho, mudaram de roupa e em seguida foram convidados para o jantar. Lena era uma excelente cozinheira. O jantar fora servido com pratos preparados com ingredientes da propriedade. Todos os dias Lena abatia um animal para servir os visitantes. Assim, passado mais de um mês servindo os compadres, foram-se os cabritos, leitoas, patos marrecos, frangos e muitos vegetais produzidos na propriedade.

Um belo dia, uma chuva fina e penetrante caia mansamente e Lena, sentada na cozinha ao lado do fogão, indaga.

-Paulo, será que essa gente não se manca? Agora não vão mais embora! Já estão acabando todas as nossas reservas alimentares, daqui a pouco

precisamos matar as vacas os cavalos e o burro para satisfazê-los.

-Você tem razão! Deixa que falarei com o compadre, se preciso for, abrirei o jogo. O que eles estão pensando?! Estão achando que somos trouxas? Não, não mais permitirei a presença deles aqui em casa.

À tarde Paulo senta-se na varanda onde Aleixo desfrutava da rede que balançava para lá e para cá, com uma brisa fresca tocando o seu rosto.

--Compadre Aleixo, fizemos o que pudemos para recebê-los em nossa casa, oferecemos toda a nossa reserva para dar um tratamento digno a vocês, mas peço que amanhã cedo desocupem o quarto, porque teremos a visita de meu irmão e eu preciso recebê-lo.

-- Pois é Paulo, falei para a Cida que já está na hora de irmos embora. Amanhã de madrugada entregarei o quarto e iremos embora.

No dia seguinte, Lena acorda mais cedo, vai até a porta do quarto dos visitantes, bate à porta.

--Compadre, comadre! Vocês pediram que eu chamasse de madrugada. Acorda! Estána hora, o galo já cantou.

Ainda deitado responde o compadre Aleixo...

-Comadre Lena, AINDA TEM UM GALO?

## **CEM CONTOS DE REIS**

Nos anos quarentas, a profissão de corretor de imóveis era muito sacrificada. Meu pai naquela época trabalhava nesta profissão. Ele fazia corretagem de fazendas, sítios, grãos e café. Era um tempo difícil, não havia

possibilidade em ter um automóvel; além de seu preço alto, as estradas da zona rural eram esburacadas, barrentas ou poeirentas. Dessa forma o veículo para este trabalho era o cavalo. Logo de manhãzinha, arriava o cavalo e, após o café matinal, dirigia-se para o trabalho e somente voltava quando o sol havia-se posto.

Minha mãe tomava conta da casa nos trabalhos domésticos e fazia também o ofício de costureira para garantir uma ajuda financeira à casa.

Morávamos numa casa humilde no bairro do Botafogo, à Av. Severino Meirelles, no sopé da subida da mesma, próxima à ponte. A propriedade era grande, tomava o quarteirão todo. Ainda guardo a impressão de que meu pai nada comentava sobre seus negócios com minha mãe. Mesmo que tivesse falado, também nunca fiquei sabendo, tamanha era a discrição do casal que nada comentava com os filhos.



Como de costume numa manhã clara da primavera e, ao acordar das rosas que desabotoavam com suas mil e variadas cores os campos que se estendiam, em toda baixada da serra do Fubázeiro, meu pai caminhava com o seu cavalo, transpondo a estrada e sorvendo o ar puro da região sul do nosso município. Um vento fresco roçava-lhe o rosto enquanto contemplava os sítios e fazendas caprichosamente tratadas e conservadas em toda sua extensão. Meu pai era um homem de negócios, apesar de analfabeto, dava conta do recado e fazia contas o que me deixava indignado, mais sabia assinar cheques e documentos, escrevendo seu nome. Todo documento eu lia para ele que depois assinava.

Naquele dia, já havia marcado uma visita, ao senhor Luiz Otaviano, avô do nosso querido vice-prefeito Júnior Otaviano. As terras da fazenda Ibó de propriedade do Sr. Paulo Borges

estavam à venda, então, este era o motivo da visita. Chegou e foi logo dizendo:

- Bom dia, Luiz!

- Bom dia, Antônio!

- O que você tem de bom para me oferecer?

- Tenho um ótimo negócio! Você não pode perder.

- Mas, ... É tão bom assim?

- Claro que é. Agora você irá realizar o seu sonho.

- Que sonho?

- A fazenda Ibó está à venda. O Sr. Paulo Borges quer se desfazer.

- Mas ele por certo vai querer muito dinheiro!

- Ainda posso dizer-te estar em teu alcance.

- Vamos até lá para ver melhor.

Partiram então para a fazenda Ib e lá chegando o Sr. Luiz e o meu pai acertaram o negócio. Uma propriedade muito bonita que tinha o luxo em ser servida por uma estação ferroviária. Acertaram o negócio definitivamente e o Sr. Luiz Otaviano comprou o Ibó do Sr. Paulo Borges por “Cem Contos de Reis”, ficando de fazer a escritura e pagar na posse.

Meu pai e o Sr. Luiz Otaviano vieram juntos para a cidade e o Sr. Luiz disse a meu pai que mais tarde passaria em minha casa. Por volta das 17h30 min. O Sr. Luiz bateu à porta de nossa casa. Meu pai atendeu, mandando-o entrar e o outro lhe disse: ” Antônio, tome este embornal grande, mande fazer a escritura e me chame para a assinatura. ” Meu pai chamou minha mãe e disse:

- Emma, guarde este embornal que pertence ao Sr. Luiz Otaviano. Minha mãe pegou a encomenda e a guardou.

Passados 25 dias, ante o silêncio, o Sr. Luiz Otaviano, preocupado chegou a nossa casa, logo de manhã e procurou pelo meu pai:

- Bom dia Antônio.

- Bom dia, Luiz.

- Antônio, me diz uma coisa. Onde está aquele embornal?

Meu pai chamou minha mãe e lhe perguntou:

- Emma, onde você guardou o embornal do Sr. Luiz?

- Antônio, do jeito que você me entregou, está lá.

- Lá onde Emma?

- No cabide do corredor.

- No corredor onde todos passam?

- Lá mesmo!

- Vai buscar o embornal.

Minha mãe foi até o corredor e trouxe o embornal. Juntos contaram o dinheiro e lá estavam ainda contadinhos os Cem Contos de Reis.

**CHICO PINGA**

Chegou à noite, brilharam as luzes elétricas na Praça Zequinha de Abreu. A cadeia pública, ficava em frente à praça, na esquina da Av. Severino Meirelles e Rua Monsenhor Porfírio. O delegado de polícia era o Dr. José Pereira de Abreu, pai do grande astro José de Abreu, consagrado nas novelas da Rede Globo, e nos filmes nacionais, santarritense de corpo e alma.

Todos os sábados, quando o negrume da noite fazia-se presente, havia um movimento nas portas da cadeia, o que podia ser observado pelos frequentadores da praça, foi quando tomei conhecimento das prisões de pessoas embriagadas.

O Dr. Abreu dará ordem à polícia para prender na cadeia todas as pessoas que fossem encontradas bêbadas, deitadas no chão e nos bancos públicos. Este procedimento tornou-se rotineiro. Normalmente nos

sábados, estas pessoas eram presas, passavam o fim de semana na cadeia e na segunda-feira de manhã eram soltas indo cada uma para seu o destino.

Certo dia o Dr. Abreu aposentou-se e um novo delegado de polícia foi nomeado e tomou posse, mas o carcereiro continuou o mesmo, o Sr. Juvenal Pontes, acostumado aos velhos costumes, continuou com os mesmos procedimentos.

Certa tarde, quando o sol se desfazia no horizonte, numa dessas tardes frias santarritenses, um homem negro, magro, dentes alvos, simpático, com a camisa branca desabotoada para fora das calças, descia pela Av. Severino Meirelles, um tanto embalado pelas doses de pinga tomadas nos bares, ao longo do dia.

Os jovens que os encontravam faziam-lhe festa e o chamavam de Chico Pinga e ele num sorriso largo retribuía os gracejos a ele endereçados.

Eu particularmente o conhecia como Chico Preto e já o havia visto embriagado muitas vezes. Ele morava na fazenda Santo Antônio, na baixada da serra do Fubáseiro, e, fora a bebida, era um homem de respeito, trabalhador, honesto e mais muito humilde.

Naquele mesmo dia, após meio período de trabalho, Chico veio à cidade, fez os seus primeiros passeios e, como de costume, tomou umas e outras, embriagou-se, deitou-se no banco da praça e ali foi abordado pela polícia e preso.

Ao chegar à cadeia cambaleando, o Sr. Juvenal indagou:

- Outra vez, Chico! Será possível! Você não se emenda! Todo fim de semana você me aparece por aqui. Não vê que as coisas estão mudando? O Dr. Abreu era muito bom, tolerante e amigo, mas o delegado novo já está espanando e disse que não quer mais saber desse monte de gente presa no sábado para



dormir e filar a boia na cadeia e, na segunda-feira, sair como se nada tivesse acontecido. O Dr. Delegado pediu-me ontem para recolhê-lo, mas segunda-feira ele quer falar com você e com os outros bêbados, quando todos estarão lúcidos e entenderão as novas ordens.

Passado o fim de semana, o Sr. Juvenal chamou um a um dos que foram soltos e endereçados ao Sr. Delegado, até que chegou a vez do Chico:

- O que o Senhor deseja de mim, Doutor?

O Delegado olhou sério para o Chico e perguntou:

- Como é seu nome?

- Eu me chamo Francisco de Assis, mas a turma me chama de Chico Pinga.

- Por quê?

- Porque eu gosto de uma pinguinha.

- Por falar em pinga, quero dizer-lhe que este é o motivo dessa conversa. Não aguento mais toda a semana este monte de pangaiada, filando boia, banho e cama aqui na cadeia.

- Doutô, pode crer, eu sou uma pessoa do bem. Trabalho a semana inteira desde o raiar do dia até escurecer e, quando chega sábado, venho à cidade para espriar-me e tomar umas pinguinhas.

- Sr. Francisco, o assunto é muito sério, o Sr. precisa saber que a pinga estraga a sua saúde e liquida com a sua credibilidade.

- O que eu posso fazer, Doutô?

- Senhor Francisco, vamos acabar com essas pingas!

- Mas, Doutô!...Eu sozinho...?!

- Vá embora, Chico. Saia da minha frente!

## O GOLPE DO PERFUME

Num bairro predominante de imigrantes italianos de uma cidade pequena do Estado de São Paulo, havia uma Venda de Secos e Molhados, situada na esquina da Avenida principal, cruzamento com a Rua dos Italianos, onde era frequentada pelos imigrantes da região sul do município. O seu proprietário chamava-se Aristeu, homem de estatura baixa, com parca cabeleira, quarenta e cinco anos de idade, palmeirense roxo, sua esposa Corina 42 anos, uma mulher bonita de bom trato, possuíam uma única filha chamada Sofia, com seus dezoito anos era tratada como princesa, cursava a Escola Normal e vestia-se impecavelmente bem.

A venda era a única no bairro, naquele tempo, anos quarentas, o grande volume de negócios eram realizados através de registro em uma caderneta,

cujos valores iam-se acumulando, e, somente seriam pagos uma vez ao ano, depois da colheita, assim o Senhor Aristeu com sacrifício conseguia tocar o seu negócio.

Possuía três empregados, Jorge, Irineu e o garoto Paulo, Jorge era Encarregado responsável, Irineu, ajudante e o menino Paulo ajudava a preparar pedidos e fazer entregas na cidade. Havia um volume considerável de trabalho, Aristeu importava vinho da Europa, a bebida chegava em toneis de madeira, lavavam-se em média 270 garrafas de vidro que eram desinfetadas juntamente com 270 rolhas. O vinho era envasado e em seguida rotuladas todas as garrafas, colocando na boca de cada uma selo comprado na Coletoria Federal. As mercadorias ali vendidas eram todas de primeira qualidade, a freguesia apreciava e aprovava os negócios do Senhor Aristeu.

Na sala onde uma janela abria-se para a Rua dos Italianos, havia um rádio de duas ondas, que a tarde Aristeu ligava-o

para ouvir notícia de esporte, especialmente de seu Palmeiras, antigo Palestra. Na rua encostados à janela um pequeno público aglomerava-se, também saber das notícias, pois, naquele tempo poucas famílias dispunham desse aparelho de comunicação. No bairro falava-se o dialeto venêto, mais parecia uma Itália Brasileira. Aos sábados e domingos, havia muita música italiana, sanfoneiros na rua tocando canções napolitanas e as moças dançando tarantelas. A venda de Aristeu era o ponto de encontro dos imigrantes italianos, faziam as compras da semana, deixavam prontas em seguida, guardavam no quintal os cavalos e depois uns iam a Igreja, outros passeavam pela cidade e depois voltavam à venda, apanhavam as compras, montavam em seus cavalos e rumavam a suas propriedades rurais.

Assim a família de Aristeu vivia do resultado financeiro da venda. Tudo transcorria maravilhosamente bem, Sofia estava preste a se formar Professora, Jorge tomava conta dos

negócios, cada dia, ganhava mais confiança de Aristeu, a venda crescia cada vez mais o movimento, os estoques eram soberbos, a conta bancaria fazia explodir seus saldos credores, o Senhor Aristeu era considerado um homem rico, respeitado e muito assediado. Um dia, logo de manhã chamou Jorge e disse-lhe:

---Jorge, a venda vai às mil maravilhas, estou pensando investir em um negócio maior, que dê mais status, um negócio que me eleva a elite social.

---É patrão, precisa ter cuidado para mudar de rumo, o senhor está achando as coisas muito fáceis, mas veja, quanto tempo já faz que estamos lidando com essa venda, o senhor deve lembrar as dificuldades transpostas, a falta de capital de giro que obrigava a fazer compras picado, os apertos financeiros, os empréstimos bancários para bancar as cadernetas.

----Tudo isso é coisa do passado, agora precisamos olhar para frente, procurar dias mais claros, quem sabe o conforto

de uma cidade grande repleta de oportunidades. Sei que você está com medo de perder seu emprego, mas não se preocupe, estou pensando também em ti.

----Patrão, patrão e patrão, não brinca com coisas sérias, tenho minha esposa e filhos para tratar e cuidar, de fato, amedronta-me deixar um negócio bom em pleno funcionamento para trocar por uma coisa desconhecida.

---Fique tranquilo Jorge, já tenho um negócio bom a vista, amanhã irei a capital para ver, se achar que é melhor do que venda, com certeza, vou mudar de ramo.

Jorge pensativo, fechou as portas da venda e foi para casa, a noite não conseguia dormir, será que o patrão não vai bater a cara? E se não der certo, como eu fico, meu Deus do céu, guie o homem, acho que ele está maluco, amanhã ele vai à capital ver esse tal negócio, acho que ele está brincando com fogo. Nossa Senhora da Conceição, rogai por ele e por mim.

No dia seguinte, Aristeu, Corina e Sofia, viajaram para a capital. Lá chegando foram almoçar no Restaurante Fasano, o mais chique do momento, Sofia não tirava os olhos daquela gente bonita e bem vestida, Corina contemplava o rico ambiente, enquanto Aristeu sentia o cheiro mais aguçado que papilas gustativas algumas poderia resistir até sentarem-se a mesa.

Após almoço, Aristeu havia marcado um encontro com o Senhor William Franz, no seu escritório, na Rua Barão de Itapetininga. Dirigiram-se até o local, subiram pelo elevador até o 8º andar e adentraram a sala. 805 onde o Senhor William os esperavam. ---Boa tarde, o Senhor é o William? ---Sim senhor, ---o senhor deve ser o Aristeu.

----Prazer conhece-lo. Apresento minha esposa Corina e minha filha Sofia.

--- É um prazer imenso conhecer a família.

--- Informaram-me que o senhor tem um ótimo negócio e como estamos



cansados da vida do interior, talvez, possa interessar-nos, por favor mostramos sobre o investimento.

O senhor William, levantou-se, apanhou uma pasta de sua estante, abriu-a sentando-se novamente e disse:

--- Aqui está o negócio, trata-se de uma fábrica de perfumes, a rentabilidade é muito grande, senão veja, o produto é feito com álcool e uma mínima quantidade de essência dos mais diversos perfumes que são acondicionados em pequenos frascos de vidros e após rotulados são acondicionados em pequenas caixas que serão vendidas aos atacadistas. Depois que o produto estiver pronto o valor de venda é multiplicado por nove, então se custo for 10, o preço de venda será noventa, não é fantástico?

---- Posso ver os relatórios, contas de lucro e perdas, enfim o balanço anual?

--- Pode sim, vou mostrar-te, veja o lucro do exercício, com um volume relativamente pequeno, tivemos um

grande lucro usando um capital de giro mínimo.

--- Realmente, o negócio parece ser bom mesmo! Diga-me o preço, tenho que liquidar com minhas coisas lá no interior e provavelmente dependendo do valor, vou adquirir essa empresa. --- Amanhã voltarei aqui para o senhor entregar-me a proposta --- Até amanhã.

Aristeu recolheu-se junto a família no Hotel e logo em seguida ligou o telefone para sua venda. ---Jorge atendeu, Aristeu muito animado contou tudo a Jorge, estava radiante e disse-lhe que no dia seguinte iria saber o custo do investimento e se estivesse no seu alcance fecharia o negócio.

No dia seguinte, logo de manhã, Aristeu levantou-se e junto com a família deixaram o Hotel. São Paulo sacudia ante o burburinho de cidade metrópole, as faixas de segurança, prendiam grupo de pessoas e as soltavam no vai e vem continuo, no Viaduto do Chá, trabalhadores apressados ingurgitavam-

se pelo centro, ante o barulho de Bondes, automóveis e ônibus.

, enquanto Aristeu e família rumavam à Rua Barão de Itapetininga afim de encontrarem-se com o senhor William. – Lá chegando, o senhor do negócio os esperavam no mesmo local.

--- Bom dia senhor Willians, como passou?

---Bem, obrigado, e os amigos, estão gostando da capital? --- Muito, respondeu Aristeu, aqui tudo é belo, parece um feriado eterno.

---Que bom, agora cumpre-me informar-te o preço da fábrica de perfumes a qual sou o responsável. ---O preço da mesma é de \$50 mil contos de reis, para pagamento a vista.

Bem, caro William, hoje voltarei para o interior, tratarei de me desfazer de minha venda e dentro de sete dias darei uma resposta.

Aristeu e família voltaram para casa, reuniram-se e decidiram adquirir a tal fábrica, chamaram Jorge e

confidenciaram a decisão. Aristeu pediu a Jorge para terem uma conversa confidencial. Saíram daquele aposento e foram até ao pequeno escritório:

--- Jorge, como você sabe, gostei do negócio do perfume, como sempre contei com sua dedicação e fui correspondido, pretendo desfazer-me da venda o mais breve possível, já conversei com Corina e Sofia e elas concordaram, assim, a venda fica para você. Amanhã vamos ao Escritório fazer um novo contrato comercial e passaremos tudo para o seu nome, restando-te o compromisso de continuar o negócio, como você sabe o prédio não nos pertence, deves continuar pagando o aluguel.

--- Patrão, eu não tenho dinheiro para pagar tudo isso, vou ficar devendo a vida inteira.

--- Não se preocupe, você não vai pagar nada, a “venda” será doada, inteiramente sua, se souberes fazer uma boa gestão também ficarás rico como eu.

--- Aceito patrão, somente espero que um dia o senhor se arrependa e daí não tem mais jeito.

Foram ao escritório, foi providenciado o novo contrato enquanto Aristeu volta a São Paulo e fecha o negócio com o senhor William. A documentação fora realizada sob a chancela do senhor William e o senhor Aristeu toma posse de seu mais novo empreendimento. O trabalho na fábrica andava normalmente, havia pessoal qualificado para o mister de perfumaria. Aristeu, sentado em sua sala de Diretor, acompanhava todos os movimentos, realmente o negócio era muito bom, rendia um lucro absoluto, a fábrica caminhava de vendo em popa.

Numa tarde de verão, quando as luzes da cidade brilhavam repletas de enfeitas com a aproximação do Natal, Aristeu, sentado em sua sala, observando relatórios de produção e comercialização de produtos, percebe um homem bem vestido, adentrando a

sala, Aristeu olha ao senhor e este pergunta, --- onde está William?

--- Desde de que fizemos o negócio nunca mais o vi.

----Então o senhor é o meu novo Gerente? --- Não, não sou Gerente algum, a fábrica me pertence, sou o dono.

--- Mas como? Eu não vendi a minha fábrica, não estou entendendo mais nada, o senhor faça-me o favor de sair da minha propriedade, se não chamarei a polícia.

---- Quem não está entendendo nada sou eu, a quatro meses comprei a fábrica do senhor William Franz, paguei a ele a importância de cinquenta mil contos de reis, fomos ao escritório fizemos o contrato de transferência com registro na junta comercial. Veja, aqui está toda a documentação carimbada conforme a lei. Não saio daqui isto e meu.

--- Deixa-me ver essa papelada – não é possível, isto é tudo falso, arranjo de malandros. --- Vamos ver o que

faremos. Primeiro tenho que localizar William, meu antigo gerente, enquanto isso senhor desocupa esta sala, vou entrar em contato com a polícia.

Passado algumas horas, a fábrica estava cheia de Reportes e Policiais, quando constatou-se que William fazia parte de um grupo de bandidos organizados para passar o GOLPE DO PERFUME.

Aristeu voltou para o interior, comprou um terreno na mesma esquina e montou uma nova venda, o sonho acabou, Jorge passou a ser o seu concorrente mais próximo

## O SACRISTÃO

Santa Cruz da Estrela, uma porção de casas esparramadas por suave encosta que se divisava com propriedades agrícolas

cortadas por um arroio de águas límpidas onde se despedia o sol numa tarde de outono. As folhas secas rolavam no chão pra - lá e pra - cá no Jardim fronteiro à bonita e bem conservada Igreja. A população era pequena, porem na maioria católicos fervorosos, e o velho Padre Gregório zelava pelas almas daquela gente.



Padre Gregório apesar da idade avançada possuía um forte domínio sobre a Vila, era o grande ídolo-patriarca, aquele cuja palavra representava uma senha de confiança e credibilidade, um verdadeiro líder que guiava o seu rebanho, transmitindo seus dotes de esperança, fé e profundo amor a Deus e ao próximo.

Todos os dias após o sol desaparecer na barra do horizonte, conclamava os seus moradores à Igreja para assistir à missa.

Numa daquelas tardes festivas do ano hum mil novecentos e quarenta, quando o sol deitava calmamente na barra do horizonte o pequeno jardim público recebia um grande movimento, devotos vindos de todas as proximidades, sítios, fazendas, e chácaras se reuniam em frente da Igreja e cada um a adentrava para assistir à esperada missa.

Padre Gregório, calmo, então, toma posição, entra vagorosamente pelo

corredor central chegando até ao altar, faz uma pequena preleção e começa o ofício religioso. Ao seu lado direito o Sacristão Pedro responde às orações num latim perfeito e assim todos dias a pequena Vila era servida pelo Padre Gregório e Pelo Sacristão Pedro.

Os dias passavam, a pequena Vila vivia uma doce ventura de paz e tranquilidade. Tudo corria maravilhosamente bem. Mas... numa manhã chuvosa, uma triste notícia assolou toda Santa Cruz da Estrela. O Padre Gregório, após problemas cardíacos, havia falecido. A tristeza invadiu os lares da Vila, e seu povo já saudoso prestava todas as homenagens pelos relevantes” serviços prestado” pelo grande líder religioso à comunidade. A Vila estava de luto, e chegava um novo padre para substituir o venerado Padre Gregório.

Assim, numa tarde belíssima da primavera, aos gritos da passarada no jardim e quando o negrume da noite fazia-se presente, o povo tomava seus lugares na Igreja para assistir a primeira missa do novo sacerdote, o jovem Padre João.

.

Padre João ainda muito moço, moderno, com grande vontade de mostrar suas virtudes adentra a Igreja, posta-se no altar e lá estava o Sacristão Pedro à espera para o ofício religioso.

Padre João, então, começa a fazer as orações e Pedro as responde. Padre João volta-se a Pedro e pergunta: Posso orar em latim? Pedro responde, “pode sim senhor”! A missa continuava, o Padre falava em latim e Pedro respondia num latim puro e perfeito.

Terminada a missa, ambos foram para a sacristia e o Padre indagou.

-Pedro, quem ensinou você a responder a missa num latim tão perfeito?

-Foi o Padre Gregório.

-Mas ele lecionou para você?

- Não, eu aprendi de tanto rezar com o Padre Gregório.

-Pois olha, estou encantado com seu latim!

-Padre, quero dizer ao senhor que eu sou analfabeto, não sei ler nem escrever.

-Mas como assim? Se você não sabe ler e escrever, não podes ser o meu sacristão! E vou dizer-lhe para frequentar o Mobral a noite, afim que eu possa continuar com você. Caso contrário terei que demiti-lo

Pedro volta para casa aborrecido e conta a sua esposa o fato ocorrido. No dia seguinte, procura matricular-se no

Mobral. Após alguns dias de aula com a insistência da esposa, Pedro sente a grande dificuldade e a falta de paciência e abandona a escola.

No dia seguinte, logo de manhã após tomar o café junto com esposa, nervoso e bastante preocupado pelo ocorrido o Sacristão toma coragem e diz a sua esposa que vai sair um pouco para se acalmar e resolver de uma vez a decisão tomada de não frequentar a escola.

Pedro procura o Padre João e lhe diz que abandonou a escola e que podia demiti-lo. Padre João mandou-o entrar e sentar-se, dizendo-lhe:

- Pedro, eu estava disposto a continuar com você, mas vejo que não há possibilidade, como posso ter um sacristão analfabeto? As anotações de missa, batizado, etc., como ficam?

Então vamos acertar as contas e você fica livre para fazer o que quiser

Pedro recebeu os seus direitos e rumou para casa. Lá, junto com a sua esposa começou a pensar no que iria fazer. Finalmente decidiu-se. Foi à cidade, comprou uma quantidade de charutos e voltou à Vila. Em casa, preparou um tabuleiro de madeira, com alças de pescoço e esperou a tarde chegar para sua primeira aventura.

A noite, após a missa, postou-se na porta da Igreja e começou o seu negócio. Vendeu todos os charutos trazidos da cidade, e na manhã seguinte, lá voltou e trouxe o dobro em quantidade. Outra vez vendeu tudo e assim foi crescendo até que abriu na esquina da Igreja uma Charutaria. Foi outro sucesso. Pedro resolveu abrir outra charutaria na cidade, assim foi crescendo, crescendo até já ter montado uma dezena de charutarias na região.

O controle de todo esse movimento começava a preocupá-lo. Dirigindo-se ao escritório de contabilidade na cidade foi fazer uma consulta junto ao contador para aliviar o grande volume de trabalho a que estava submetido. O contador orientou-o a contratar um profissional de confiança na área administrativa o qual o ajudaria

Realizar e controlar melhor todas as tarefas oriundas da empresa. Pedro contratou o tal profissional e rumaram-se novamente à cidade para regularizar e legalizar a contratação.

No cartório, quando da elaboração da documentação, assinatura de procuração etc., o cartorário mandou sentar-se para assinar o livro do registro.

Pedro ficou constrangido e disse ao cartorário;

E. agora... não sei assinar... sou analfabeto! O cartorário pasmo, exclamou!

-Senhor Pedro, toda essa riqueza acumulada e não sabe ler nem escrever? E...e... se... soubesse então?!

-Caro amigo cartorário, se eu soubesse ler e escrever seria SACRISTÃO!

22.10.2011



## **QUEM MUITO ESCOLHE**

Mário, um jovem bem apanhado com seus vinte e dois anos de idade, vivia um sonho de conquistas, trajava-se na última moda, frequentava sempre os mais altos ápices da sociedade. Moço alto, corpo atlético atração constante da mulherada, loiro cabelos cacheados olhos azuis irradiava com a sua presença uma forte simpatia.

A noite costumava sair com os amigos, sentavam na praça pública onde contemplavam moçoilas desfilarem exibindo os seus encantadores trajes por entre os canteiros forrados de flores. A praça era o ponto de encontro da

juventude, pelo local, desfilavam as mais lindas garotas, cada qual, apresentado a sua mais bela vestimenta, tornando para os jovens o grande momento de encanto. Não faltava música um serviço de alto falantes abrilhantava o local com composições românticas, boleros, tangos, fox, clássicos que se ouvia embalando os sonhos daquela juventude.

Mário curtia toda a oportunidade, as moças procuravam-no, queriam aproximar-se para possível relacionamento, no entanto o belo jovem fazia-se de rogado, evitava as suas pretendentes e procurava escolher a jovem mais bonita da cidade.

Um belo dia, a sua mãe disse-lhe:

Mário, você precisa arrumar uma namorada.

Mãe, já sei disso, mais quero escolher a menina mais linda entre as mais belas.

Tem tantas meninas lindas e de famílias recomendáveis, porque você não se aproxima da Elizabeth, acho uma moça

linda, simpática e atraente, é uma pessoa simples porém de ótima família, muito comportada e poderá ser sua grande companheira.

Mário refletiu as palavras da genitora e passou a conquistar Elizabeth, começou a chama-la de Beth, aproximaram-se, marcaram encontro na praça, sentaram-se num banco próximo ao coreto, conversaram sobre os diversos assuntos, mas Beth observava uma certa distância, não havia um assunto de namorados. Beth mudando o rumo da conversa disse-lhe.

-- Mário, parece- que você está passando o tempo comigo, me disseram de seu proposito escolha e eu não acreditei, mas agora posso certificar-me de uma vez por todas. Você é um escolhedor de mulheres, queres uma mulher rica, bonita, educada e submissa, sobressaindo o seu gosto especialmente pela riqueza.

--Não podes julgar-me de uma maneira tão vil, sou um jovem que tem o direito de escolha e vou continuar escolhendo a

jovem que vai satisfazer todos meus desejos, não convém continuar nossa conversa e nosso encontro encerra-se hoje, aqui.

Mário continuou cortejando outras meninas, cada qual era enfeitada e a escolha continuava, já estava conhecido os seus gestos, chegou ao ponto, de ser criticado e não havia mais ninguém que lhe desse confiança. Começou a se preocupar com o desdém das garotas. Um belo dia pela manhã, durante o café matinal, sua mãe, preocupada chama-lhe a atenção.

--- O que está havendo com você, sinto-o completamente isolado das meninas e até de seus amigos, não sei o que se passa, percebo-o taciturno, quieto, a idade está chegando e não consegue firmar-se com nenhuma namorada, escolheste tanto, tanto e agora está abandonado!

---Mãe, jamais casarei com mulher pobre, não importa que seja feia, que tenha defeito físico, mas, contanto que seja rica, casarei com ela.

--- Filho, a riqueza um dia acaba o dinheiro é vendaval, tudo é ilusão, pense bem antes de tomar qualquer decisão.

Passados alguns meses, houve uma festa do Padroeiro da cidade, vieram muita gente da região, a praça recebeu um grande público, garotas de outras paragem, sorridentes, bem vestidas trocavam flertes com os rapazes.

Mário observou uma jovem impecavelmente trajada, com um colar de brilhantes guarnecendo pescoço, nas mãos, lindos anéis de ouro incrustados com esmeraldas, o vestido de renda chantilly cor de rosa e os sapatos azul claro. A atenção geral era voltada para essa estranha jovem que tinha companhia de seus pais, figuras fidalgas do empresariado paulistano. Não tardou, Mário aproximou da jovem.

---Você parece uma princesa, nunca em minha vida presenciei tamanha fidalguia, como se chama?

A jovem olhou nos olhos de Mário, sentiu-se envolvida pelo azul de seu

olhar, fitou-o da cabeça aos pés, estremeceu ante a figura atlética e bela do rapaz.

---- Eu me chamo Juliana e você?

---- Meu nome é Mário

---- Onde moras? ---- Moro em São Paulo

--- Eu nasci nesta cidade e sempre morei aqui.

---- Você é comprometido?

---- Não, não sou comprometido, nem tenho namorada.

---Vamos sentar num banco para conversarmos --- Sim vamos.

Sentaram e conversaram por um longo tempo. Mário sentia ser a mulher que sempre procurou, rica, com pequenas imperfeições, porém vestida qual uma princesa, repleta de joias finas, culta, o que bem podia garantir-lhe uma vida regada de benesses, com criados a seus pés, automóveis últimos tipos, viagens para o redor do mundo, conhecer a elite paulistana, ter casas de veraneio, vestir-se com as melhores

grifes, frequentar teatros. Sim é essa mesmo, tenho que conquista-la de qualquer maneira. Parou para pensar, lembrou-se de Beth, a garota ideal, mas pobre, nem comparar com Juliana, Beth veste-se rudimentar, modelos ultrapassados, bonita sim, mas não tem a categoria, um tanto simplória, caipira. Tem ser Juliana. Depois do soliloquio, Mário indagou.

----E você é comprometida?

---Não, também não sou comprometida e não possuo namorado.

---Podemos ter um relacionamento?

---- Claro, achei-te um homem muito bonito, mas para namorarmos você precisa conversar com o meu pai, o homem da antiga, o namoro deve ser controlado, por um período curto e logo em seguida o casamento.

---- Tudo bem. Falarei com ele, este não é o problema.

O pai de Juliana chama-se Alfredo e a mãe Mercedes. Mário dirigiu-se ao Hotel, onde hospedava-se o casal e a

filha, pediu ao gerente que marcasse uma entrevista com o Senhor Alfredo e Dona Mercedes, o casal marcou o encontro para as 16 horas. No horário Mário se apresenta, entra na sala, cumprimenta ambos e em seguida diz.

----Marquei este encontro com o casal para pedir a mão de Juliana em namoro, para brevemente casarmos

----Meu jovem, estou encantado com o seu pedido, és jovem, forte e bonito, era tudo que ambicionávamos para Juliana, nem pergunto pela sua profissão, somos milionários, possuímos muitas fábricas e fazendas, você somente deverá fazer minha filha feliz.

Namoraram um curto tempo e casaram. A festa foi de arromba, convidados, autoridades e a nata paulistana. O baile prologou-se até 4 horas da manhã, quando os noivos se recolheram para a primeira noite nupcial.

Mário reservadamente quis retirar-se do quarto para que Juliana se preparasse. Mas a noiva disse a Mário.



----Quero que fica no quarto para conhecer-me inteiramente.

Juliana sentou-se à beira da cama tirou a roupa, buscou um copo de água, colocou no criado mudo e seguida arrancou um olho e colocou no copo. Depois, desparafusou a perna esquerda colocou em cima de uma cadeira e de pulinho em pulinho deitou na cama.

Mário, atônito e estarecido, contemplou aquela sena, lembrou de sua mãe e Bet, sem saber o que fazer, arrependido murmurava, e agora o que farei com esta fortuna, importuna?

## **Um Casal Esquisito**

Era um dia frio do mês de Junho..., o vento gelado cortava os rostos das crianças que brincavam ao ar livre, na branca areia que circundava a pracinha da pequena Vila engastada numa colina do seu interior.

O sol começava a emergir, ainda pálido, aparecia ao meio da cerração, que se projetava a subir, trocando paulatinamente o quadro cinzento da manhã fria, pelos reflexos amarelados e aquecedores do astro rei.

As crianças de rostos corados saltavam alegremente e gritavam freneticamente, festejando a chegada do calor milenar trazido pelo grande astro. A alegria na Vila era geral, algo estranho se prenunciava... charretes arrastadas por cavalos movimentavam-se dando um colorido agreste, enquanto que os homens e as mulheres de vestimentas simples, apressadamente cortavam a ruela principal do pequeno núcleo, buscando na venda do seu Mané os i

Ingredientes cotidianos para a subsistência da vida humilde daqueles moradores.

Enquanto eu observava todos os acontecimentos da pequena Vila Santa Isabel, o sol já estava alto e da cozinha do seu Orozimbo, podia sentir-se o cheiro forte do bife enrolado que convidava para um apetitoso almoço.

Após ao meio dia a Vila tornou-se um pouco mais calma e a medida que o dia

avançava o frio nublava e aumentava até as cinco horas da tarde, quando o sol desapareceu atrás de uma grande montanha, tornando então uma gigantesca sombra que cobriu todo o vale e fez-se prenuncio de noite na Vila da colina.

A noite vinha chegando.... Santa Isabel começava receber cavaleiros de todas as bandas, - moças vestidas extravagantemente se dirigiam para a pracinha onde uma corporação musical executava os mais lindos e variados dobrados desafinados. Aos poucos podia-se ver aumentando o número de pessoas até que um grande aglomerado tomou conta da ruela e da pracinha.

Indignado perguntei a um ancião sexagenário, o que iria acontecer e fui informado que dentro de poucos minutos, um casamento seria realizado. Postei-me próximo ao aglomerado e logo observei a aproximação de uma

bem enfeitada carruagem que era conduzida por um senhor de grandes bigodes, usando terno preto, tinha a cabeça coberta por uma cartola

Dentro da carruagem, pude ver o casal de noivos de modas e costumes estranhamente esquisitos.

Acompanhavam a carruagem, diversas charretes que deveriam levar os padrinhos dos noivos.

Acompanhei o cortejo que parou defronte a uma capela, nesse local então, assisti toda cerimônia religiosa.

O Padre Matheus estranhamente procedeu a benção nupcial, logo após, todo o cortejo, mais eu, seguimos até uma grande barraca, onde era servida batata doce, pé de moleque e pipocas.

Um tal de seu João tirava fotografias dos noivos, enquanto um sanfonista tocava sempre a mesma modinha. De repente vi entrar na barraca dois sujeitos fortes e morenos e com ar de zombaria um falou para o outro:

- Ué desta veis a Flora cazô mesmo? Cum cara di pau i tudo?

Outro respondeu:

- Claro, só o Mingo mesmo! Um ómi incaiadu cum uma muié incajada só da isso mesmo!

Os noivos estavam felizes enquanto seus pais não cansavam de rir, fato esse que muito me preocupava.

A noite ia alta, algo estrando dominava-me e não fazia compreender certas coisas, que meus olhos viam... Um casal

esquisito. A noiva dançava de rosto colado com outro, por sua vez o noivo também dançava agarradinho com outra e ninguém dava cabo de toda miscelânea, somente eu murmurava num solilóquio...como está diferente a moda por aqui!

A madrugada chegou... o sanfonista silenciou e foi ai que eu compreendi tudo.

A noiva voltou para a casa de seus pais, o noivo para sua casa, porque era um casamento caipira da noite de São João.

## **Quando Não Havia Televisão**

**I**

Era uma manhã em que o sol derramava os raios violáceos, por sobre a minha pequena cidade. O céu de uma coloração azul de anil, enfeitava as onduladas montanhas, e os sinos da igreja matriz badalavam a sua melodia cadenciada na crista da colina.

Homens, mulheres e crianças rumavam para a casa de Deus. Era a



missa das 10 horas da manhã. Após as orações, mocinhas vestidas elegantemente, rapazes impecavelmente trajados dirigiam-se a “Praça Zequinha de Abreu” onde um serviço de auto falante, sob o comando do locutor “Mussa Salomão” apresentava um delicioso programa de tango. Naquele recinto o assunto era o futebol - um domingo diferente, uma tarde de decisão do campeonato amador da região. Naquele dia iriam se defrontar a Associação Atlética Santarritense, versus o C.A.P (Clube Atlético Pirassununguense), um grande clássico regional o C.A.P não poderia perder, o empate o levaria ao título de campeão, enquanto a veterana santarritense nada tinha a perder. O time de Pirassununga era favorito, mas a santarritense também possuía uma equipe de respeito, o assunto regurgitava por todos os cantos da cidade. Naquele tempo não havia televisão, o jogo de futebol era transmitido pelo rádio e nas cidades do interior havia disputas acirradas e o

bairrismo provocava grandes duelos. Santa Rita possuía jogadores de fibra e raça.

O C.A.P era o bicho papão com figuras famosas entre elas o goleiro Nico Marchioni, os seus jogadores eram praticamente uma seleção do vale do Mogi Guaçu.

A cidade, naquele domingo, respirava o grande jogo - A meta era derrotar o visitante, não permitir que o mesmo se consagrasse campeão dentro de Santa Rita.

## II

As horas passavam, na Avenida Severino Meirelles, a corporação musical “Zequinha de Abreu”, dirigia-se ao estádio da Associação executando marchas e dobrados motivando ainda mais a população ir ao campo de futebol e incentivar o time da casa. Eram já 15 horas, o estádio estava lotado, bandeira e bandeirolas tremulavam nas

arquibancadas, donde um colorido festivo e mágico enfeitava o recinto.

A banda musical alegrava ainda mais, apresentando os chorinhos de Zequinha de Abreu e os clássicos dobrados. Num misto de satisfação e apreensão os dois times entraram em campo. A veterana santarritense matizava o gramado verde com suas camisas grenás e calções brancos, enquanto o C.A.P trazia sua tradicional camisa branca e calções negros.

Tudo pronto, era o momento, a hora do tudo ou do nada, as equipes estavam postadas para a maior jogo de todos os tempos.

O árbitro apitou e a bola rolou, ataques de ambas as partes e o nervosismo invadia e dominava as melhores ações. O C.A.P mostrava um padrão definido de jogo, os toques perfeitos faziam a veterana desdobrar-se para bloquear as zonas de campo. Os times equilibravam-se, se de um lado o C.A.P era mais técnico, de outro o

santaritense era mais garra, mais coração.

O jogo transcorria a luta o sol cálido, fazia o suor brotar do corpo dos atletas. Depois de decorridos 30 minutos do primeiro tempo, uma investida da santarritense o árbitro apitou uma falta contra o C.A.P, entre a linha média e a grande área. Canhoto era o responsável da cobrança, afastou-se e bateu forte, a bola tocou o corpo do zagueiro Bigorna e alinhou-se no fundo das redes, nada permitindo ao goleiro “Nico Marchione”.

A banda voltou a tocar, uma imensa alegria dominava a torcida. O grito, contido, agora entoava em milhares de vozes, tremia a arquibancada, as bandeiras era sacudidas. Assim terminou o primeiro tempo.

### III

Os jogadores foram para o descanso, enquanto a corporação

musical controlava as emoções com suaves melodias, abrandando as cordas excitadas dos corações.

Voltam os jogadores para o segundo tempo, voltam as apreensões, o jogo é recomeçado, nervoso como no primeiro tempo, um jogão dente por dente, as linhas atacavam, lá e cá, as defesas respondiam, os goleiros seguram com defesas milagrosas. Aos 20 minutos, num descuido da veterana, Damião, livre da marcação, adentrou a área e colocou a bola no canto esquerdo, gol do C.A.P.

Calaram-se as vozes, somente a banda musicava o gol de Damião, pois a banda, apesar de santarritense tocava também para o gol do adversário. Agora o C.A.P tinha 25 minutos para garantir o campeonato, bastava não tomar gol, bastava conter o ímpeto santarritense em sua própria casa. O jogo continuava bom, satisfazia os presentes. A força a garra, a técnica valorizava o espetáculo, a torcida não queria que o tempo passasse, não queria que o jogo

acabasse, pois a mesma participava ativamente em cada lance.

Mas... Como sempre existe o, mas, o tempo foi passando e mais uma vez a um ataque fulminante da A.A. Santa-ritense fez o zagueiro conceição derrubar o meia Enzo Rani, dentro da área. PENALTI!!!!!! Penalidade máxima apitado pelo arbitro contra o C.A.P, aos quarenta e quatro minutos e meio do segundo tempo.

Os jogadores Pirassununguesse, após ferrenha disputa, sentiam desvanecer os sonhos, o campeonato a festa de um tempo de lutas.

O arbitro indicava severamente a marca do pênalti, chamou o goleiro do C.A.P, fazendo gestos e explicações, conversou com o centro médio santarritense e colocou a bola na marca de cal.

Um silencio, dominava todo estádio alguns torcedores viravam as costas para não ver, era o instante, o momento precioso.

Canhoto afasta-se, toma posição enquanto o goleiro “Nico Marchione”, no centro da meta espreitava a bola como uma fera espreita a presa. O árbitro apitou, canhoto correu e chutou forte no canto alto esquerdo bem na forquilha, Nico Marchione, como um gato selvagem voou lá no alto como um bólido e com a mão direita espalmou a bola, atirando para a lateral. Nada mais, outro silencio melancólico, o jogo acabou. Nico Marchione acabava de ganhar o campeonato para o C.A.P – Nico filho de Santa Rita deu um grande presente a Pirassununga.

A torcida permaneceu de pé nas arquibancadas e gritava freneticamente o nome do grande herói “Nico Marchione” o santarritense que se tornou campeão por Pirassununga.

## **Uma Tempestade**

Vocês, leitores amigos, já notaram como a dor de uma solidão ou o amargo de uma saudade se fazem sentir com muito mais intensidade quando a chuva desaba sobre a terra? Eu minha parte, acho belo e grandioso o espetáculo de uma tormenta, porém, não posso deixar de liga-lo sempre, a acontecimentos trágicos e tristonhos.

Bem, mas o fato é que estava eu, sentindo-me terrivelmente só, enquanto



o aguaceiro que já começara a cair, ameaçava até invadir a minha casa solitária. A frente

UMA TEMPESTADE...UM NINHO...  
UMA SAUDADE!

Anoite havia se adiantado. Grossas e pesadas nuvens cobriam o sol, proibindo-o de filtrar o dourado risonho de seus raios por entre as ramagens do arvoredos. A ventania aumentava e sadicamente, despenteava a bem arranjada cabeleira das árvores. O súbito silêncio das aves, o fechar cuidadoso das janelas vizinhas, o ribombar dos trovões, tudo enfim, prenunciava uma tempestade.

E, eu que trabalhava na cidade de Barra Mansa RJ, havia saído do escritório e percorrera todo o caminho da volta para minha casa, mergulhado em pensamentos sobre preços de custos, fechamentos, balanços e de toda rotina

que preencheria o meu dia de trabalho. Assim, só ao abrir a porta de casa dei-me conta de que estava sozinho. Minha esposa e meus barulhentos filhos estavam gozando merecidas férias na minha cidade natal, Santa Rita do Passa Quatro- SP. Voltei-me abri novamente a porta e sai para a varanda.

Sim, eu estava sozinho com uma tempestade!

, uma frondosa mangueira amiga balançava pra lá e pra cá, acompanhando a sinfonia ritmada do vento. O céu abria-se de quando em quando, deixando um raio passar furiosamente. Os relâmpagos clareavam a escuridão com breve luz de gigantescos pirilampos. Aos poucos, a chuva começou a diminuir, porém, vento raios e trovões ainda brincavam de guerra no céu.

Repentinamente, surgido de dentro do negrume de uma nuvem, um raio rasgou

rangendo ruidosamente o espaço e atingiu com seu brilho de fogo, um dos galhos da velha mangueira. O ruído foi tão intenso que nesse momento, pareceu-me ter sido eu o atingido. Ainda pálido de susto, levantei os olhos para a árvore e ela ainda estava lá, incólume, olhando-me de cima vitoriosa. Porém um de seus galhos havia sido arrancado violentamente e jazia inerte à entrada de minha bela varanda. E, para meu espanto e surpresa, alguma coisa estava ligada ao velho galho morto. Era um ninho!

UM SIMPLES NINHO VAZIO! Ao lado, porém três filhotes de pardal piavam agoniados. Mamãe Pardoca esvoaçava ao redor desesperada soltando lamentos aflitivos. Não vacilei. Tomando carinhosamente, um por um dos filhotes, recoloquei-os no ninho e tratei de levá-los até um canto seco e seguro. Dona Pardoca, feliz, eufórica mesmo, enviava-me de longe, trinados de gratidão. Olhei mais uma vez para ninho. De novo ele estava ocupado pelos seus donos. De

novo a alegria há via penetrado no pipilar daqueles bichinhos feiosos...

Entrei em casa. Dentro, esperava-me salas vazias, quartos vazios, tudo...tudo completamente vazio.

Rápido, apanhei um impresso de telegrama, sentei-me à mesa e escrevi: " Querida, não choveu ai, não é? Volte com nossos quatro filhos. "

Lá fora, entretanto, a tempestade passara. Um raiozinho trêmulo do sol atravessara as nuvens e iluminara a minha casa, colorindo-a de novo, COM OS MATIZES DA VIDA.

Levantei-me, olhei demoradamente para o telegrama que havia escrito, sorri... RASGUEI-O.

Minha querida esposa, meus filhos adorados mereciam as férias, mereciam

a vida com suas tempestades e com suas bonanças.

Eu... bem, eu ficaria com a saudade

## A DROGA E O SUCESSO

Barra Mansa, uma linda cidade Sul Fluminense, incrustada entre gigantescas montanhas dotada de um clima quente, seu povo tranquilo transita pela Avenida Domingos Mariano e se refresca na Praça da Preguiça, enquanto o Rio Paraíba banha e enfeita aquela paisagem.

Mauricio, um jovem com aproximadamente dezoito anos de idade, ainda um sonhador, busca

emprego em uma grande empresa da cidade.

Depois dos testes entrevistas etc. Mauricio foi admitido numa grande multinacional de alimentos. A indústria passava por uma metamorfose na área administrativa, um novo chefe havia tomado posse recentemente, tratava-se um homem experiente, conhecedor profundo dos trabalhos e acima de tudo, com aprimorado senso de justiça. O seu nome era Pedro. Numa noite cálida de Carnaval, quando a cidade soltava os seus foliões pelas ruas ,bandos de arlequins, pierrôs e odaliscas desfilavam ao som de marchinhas, sambas e trevos enquanto automóveis fantasiados, caminhões de sons acompanhavam aqueles bandos de foliões que esbaldavam alegremente ao trescalar do cheiro de lança-perfumes que fazia terror ao olfato.

Mauricio era parte daqueles carnavalescos e junto havia mais um grupo de amigos, embriagados por

aqueles momentos de alegria. A noite já estava alta, o burburinho continuava, então, começou a rolar bebidas alcoólicas a vontade. Mauricio e seu grupo reuniram-se com outro grupo da vizinha cidade de Volta Redonda. Já era madrugada Barra Mansa sacudia-se com o festejo do Rei Momo. O grupo de Mauricio decidiu sair daquele ambiente central para acomodar-se na Praça da Preguiça. Nessa altura a bebida tinha dominado todos os sentimentos e reflexos. Um dos companheiros de Volta Redonda disse ao grupo.

-- Vocês desejam provar uma coisa boa? Vão ver o que é uma gostosura, sabe, a gente viaja para o além, fica forte – machão mesmo, nada obsta.

Mauricio indagou.

O que é isso? – É o produto da hora, você nunca ouviu falar! Se chama Cocaína, dá uma cheirada e verá o efeito experimenta. Mauricio pegou a droga, levou ao nariz, os companheiros o acompanharam, em pouco tempo estavam todos chapados e Mauricio

guardou no bolso dois pacotinhos que sobraram no grupo. O dia estava amanhecendo a polícia estava fazendo um rescaldo quando se aproximava da Praça, de repente ao aproximar do grupo, notou que estavam todos drogados, procedeu a revista em todo o grupo e encontrou os dois pacotes em poder de Mauricio. O grupo inteiro recebeu ordem de prisão e foram presos no Batalhão de Infantaria Blindada. Como Mauricio tinha em seu poder os dois pacotes, suspeitaram-no de traficante. O carnaval para eles havia se acabado.

Ainda o sol não havia aparecido, na madrugada, o telefone tocou na casa do Senhor Pedro.

Uma notícia de primeira mão, o Comandante do Batalhão estava informando o fato ocorrido e pediu-lhe que se apresentasse as 8,00 horas para resolver o caso.

No horário Pedro se apresentou no Batalhão, como já conhecia todos os



pormenores esperou que falasse primeiramente o comandante.

--- Senhor Pedro, conhece o jovem Mauricio?

--- Sim conheço – trabalha na empresa a alguns meses.

--- Fala-me de sua conduta no trabalho.

-- Trata-se de um excelente funcionário, comportamento normal, esportista, cumpridor dos deveres, fora do trabalho nada a dizer.

--- O que faremos com ele, não sei --  
Depende somente do senhor.

--- Vamos fazer um relatório, se o senhor se responsabilizar inteiramente podemos soltá-lo.

No relatório constará tudo o que a policia verificou. Esse moço ficará sob sua inteira responsabilidade.

-- Senhor Comandante, o jovem na minha opinião, Cometeu seu primeiro deslize, tenho certeza absoluta, não se tratar de traficante, entrevistei-o quando de sua admissão, trata-se de família

humilde e trabalhadora, pode fazer o relatório, eu assino e fico responsável.

Em seguida Mauricio foi solto.

Na quarta-feira de cinzas, o horário dos serviços estava prorrogado a entrada as 13,00 horas. Curiosamente Mauricio não apareceu. Na quinta-feira pela manhã sua mãe trouxe uma informação de que ele não mais viria trabalhar, o acontecido havia-o envergonhado e ele não possuía mais condições de enfrentar aquele ambiente.

Pedro atendeu a senhora mãe e disse-lhe.

-- Diga a Mauricio que todos tem um momento de tristeza, as coisas acontecem alheias as nossas vontades, foi um momento de hesitação, fale a ele que eu já perdoei e sei que se trata de uma pessoa de boa índole que vai ajudar-nos muito nesta empresa. Acentue que eu não posso deixa-lo desistir somente pelo primeiro deslize, amanhã estarei esperando-o as 7,30 horas

No dia seguinte, Mauricio, muito chateado assinou o ponto e procurou Pedro.

-- Muito obrigado por tudo que me fizeste, não tenho palavras suficientes para expor os meus sentimentos de gratidão.

-- Nada deve agradecer-me, esta é uma lição que servirá para toda vida, nunca mais use drogas, prometa-me, pois não suportarei a segunda vez e te demitirei. Agora volte ao trabalho, o trabalho enobrece, além de pagar as nossas contas e garantir o nosso futuro. Mais tarde, quando as coisas estavam normalizadas, Pedro recebeu um telefonema do Diretor Técnico da Empresa.

--Tudo bem Senhor Pedro. Tive uma informação que um funcionário nosso foi preso, portando cocaína. Já demitiste o mesmo?

-- Não Senhor Luiz, foi um caso primeiro na vida do moço, tenho certeza de que foi um acidente de percurso. Mauricio é

ótima pessoa, não podemos abandoná-lo neste momento, confio plenamente nele.

-- Bem Pedro, segundo nosso vademécum, o senhor teria que mandá-lo embora, para a empresa pouco importa, importa muito a repercussão do caso aí na cidade, ficou desagradável.

-- Sei perfeitamente o que o senhor pensa, mas eu aqui junto com o problema quero ajudar este jovem, mostrar a ele que o trabalho é a maior virtude moral e que se ajudar-nos terá sempre o reconhecimento.

-- Tudo bem Pedro, pela grande consideração que lhe rendemos, concordo com a sua atitude, Mas, ficarás responsável por todos os atos desse funcionário.

-- Ficarei responsável e futuramente mostrarei quão certo estou, verás.

Passados dois anos, Pedro foi removido para outra unidade da empresa, Mauricio continuou na mesma unidade.

Pedro havia assumido outra unidade de maior porte, cuja administração era complicadíssima e com intrincados problemas fiscais.

O tempo havia passado, Pedro estava contando os dias para usufruir, de sua aposentadoria, já bastante cansado, envelhecido, ainda assim continuava a sua nobre missão.

Um belo dia, numa manhã radiosa de outono, com sol derramando sua luz sobre o pátio, entra na sala de Pedro o assessoria e informa a chegada de um grupo de pessoas originários da Sede para fazer uma auditoria na empresa. Eis que sorrateiramente um senhor com uma pasta de papeis, sapatos bem engraxados, terno cinza, camisa branca e gravata azul, entra na sala.

-- Senta-se por favor, o que deseja?

-- Não brinca o senhor não me conhece?

-- Parece que sim, parece que não. Na verdade o senhor faz-me lembrar um moço que me deu muita dor de cabeça e muito comprometimento. Por acaso não

és o próprio, tanto tempo e hoje nos encontramos.

--Sim, sou o Mauricio de carne e osso. Estou aqui como chefe de missão para fazer uma auditoria nesta fábrica.

--- Então entendi você depois de todo problema, conseguiu vencer todos os obstáculos e agora está auditando – você é o Mauricio! Que bom tê-lo aqui para auditar o meu trabalho. Fique a vontade a fábrica é sua e a confiança é minha.

Meu caro, que orgulho de você. Valeu a minha aposta!!!

## A INTECTUAL E O ESPELHO

Anos dourados, uma feliz época em que os corações batiam mais fortes, tempo que havia o romantismo puro ao som de músicas maravilhosas do tempo encantado.

Numa mansão da Avenida Paulista, na Capital, Margarida, a nova empregada, trabalhava na arrumação rotineira dos

aposentos. A mansão era enorme de um luxo incomparável. Havia um grupo de empregados além de Margarida que possuía a função de arrumadeira.

Dona Helena, a patroa muito jovem de uma beleza cintilante, possuía dotes intelectuais elevados, vestia-se impecavelmente, além de posses, era dotada de bom gosto que fazia inveja. A sua disposição havia um sortimento imenso de roupas da mais alta costura.

Margarida observava a patroa rotineiramente e por vezes num solilóquio murmurava:

-- Como ela é linda e sabe vestir-se, mas também com toda essas roupas quem não fica bela e intelectual?

Numa manhã, ao arrumar os aposentos íntimos do casal, entrando no quarto de vestir, ficou alucinada ao ver a diversidade, o luxo, o desfile de cores e modelos de roupas. Começou refletir:

-- Com essas roupas, sapatos e joias, eu também vou me aparecer uma intelectual. Analisou a possibilidade de



usar as roupas da patroa, sair à noite, frequentar cinemas, bailes e, se possível restaurantes chiques.

A sua cabeça começou sorrateiramente buscar oportunidade para levar avante o seu plano. Teria que conhecer toda programação de Dona Helena, saber nos mínimos detalhes o paradeiro da patroa, dia, horas e locais que ela onde frequenta.

Começou então a anotar em um pequeno caderno toda movimentação do Patrão e da Patroa e descobriu que nos fins de semana os mesmos costumavam passar na praia ou em uma casa de campo do interior.

Margarida ocupava um dos quartos de empregados da mansão. Uma sexta-feira, depois que o casal havia saído para o final de semana, calmamente entrou nos aposentos do casal, dirigiu-se ao quarto de vestir e escolheu um lindo vestido cor de rosa, apanhou um maravilhoso sapato de salto alto, mais anéis, brincos e colar de pérolas e levou

para o seu quarto, escondendo tudo debaixo da cama.

No dia seguinte elaborou toda a sua tarefa de arrumadeira e a tarde verificou um programa onde pudesse exibir toda aquela riqueza e finalmente sentir-se uma intelectual. Descobriu que aquela noite haveria um baile perto do Trianon. Olhou para fora, as ruas estavam movimentadas. São Paulo sacudia ao burburinho de uma metrópole, sábado seria um dia especial, tinha certeza que iria abafar no salão.

A noite chegou e Margarida vestiu-se de madame intelectual, calçou os belos sapatos, colocou as joias e postou-se frente ao espelho.

-- Ah! Como estou linda, mais linda que Helena. Fala-me espelho – posso sair aos logradouros públicos. Agora sou também uma intelectual, veja minha simpatia – nunca pensei que eu era tão bonita a ponto de até conversar contigo, espelho.

Margarida saiu de casa, o salão ficava perto, caminhava elegantemente, na passagem era apreciada pelos transeuntes, cabeça erguida não dava confiança a ninguém.

Ao aproximar-se do salão, encontrou uma amiga.

-- Meu Deus do céu, como você está linda Margarida, o que foi que te aconteceu? Fala-me, Sofreste uma metamorfose, não estava mais te conhecendo.

-- Não aconteceu nada, não está vendo de que sou a mesma! Simplesmente estou me vestindo melhor, é só isso.

-- Não é não, além do traje pareces uma intelectual.

Naquela noite Margarida foi o sucesso, foi bastante cortejada, mas não se comprometeu, ficou na sua.

Domingo amanheceu tranquilo, a empregada havia tirado a vestimenta e guardado nos devidos lugares.

A noite Helena voltou. Como de costume fazia uma verificação e observou que o vestido cor de rosa estava fora de lugar de vez que ela costumava manter todas as roupas numa ordem e o mesmo não estava obedecendo o costume.

Segunda-feira de manhã, a patroa chama Margarida e pergunta: Porque o meu vestido cor de rosa não está no seu devido lugar? Margarida hesita, se atrapalha e diz.

Não sei não patroa – Como não sabe se foi você quem arrumou a meu pedido. O vestido está fora do lugar e eu quero saber porque, ainda sexta-feira antes de sair pude vê-lo no lugar.

-- Sabe patroa, eu tive vontade de experimenta-lo, tirei de lá e me esqueci – é muito lindo não suportei e vesti-o.

-- Não admito que ninguém vista as minhas roupas – tenho certeza de que saíste à rua com ele. Pode me dizer o que mais você usou que me pertence?

--. Sabe Patroa, foi um momento de fraqueza, gostei tanto do vestido e quis vesti-lo.

-- Você está brincando, que ousadia, aproveitar-se da minha ausência, para vestir-se com a minha roupa de gala. – Aonde você desfilou, conta-me por favor – não acredito!!

-- Somente fui no baile ali perto do Trianon, não aconteceu nada não, pode crer, o vestido e as coisas por mim usadas estão perfeitas

-- Margarida, por favor, agora, olhe neste espelho e pergunte ao mesmo se você acredita nesta palhaçada toda e veja bem o seu lugar – sinceramente, não sei o que farei contigo!!

-- Patroa, desculpa a minha ousadia, não fiz por mal. Agora por favor acerte minha conta, vou-me embora.

## UM BRINQUEDO DE NATAL

A noite havia  
chegado. O movimento da pequena cidade  
Começava aumentar. No negrume do céu,  
surpreendentemente sem nuvens e sem  
nenhum presságio de chuva, miríades de  
astros e estrelas jogavam galhos de  
luminosidade serena sobre a  
terra, anunciando mais uma noite de véspera  
de Natal. Em todas as fisionomias havia  
estampado a alegria do renascer do Menino  
Deus. A avenida

Principal da cidadezinha engalanava-se de  
luzes de reboliço feliz e de sons melodiosos

Que se esbarravam nos arvoredos e subiam  
aos ares espalhando harmonia e paz nos  
corações As criancinhas vibravam ante as  
vitrinas multicoloridas de brinquedos  
maravilhosos. Tudo era festa, tudo era  
alegria contagiante.

E, como todos anos ali estava eu a deliciar-me, a embebedar-me mesmo, com toda aquela agitação festiva que o Natal propiciava

Eis, porém, que saído da multidão, um homem que se fazia acompanhar de um garotinho, surgiu diante de mim. O homem era um desconhecido, entretanto, o menino era meu velho amigo de estripulias e traquinagens. Pararam bem em frente, a loja onde eu havia instalado o meu posto de observação. O garoto olhou atentamente os brinquedos expostos na vitrina e indicando com o dedo ao “Papai Noel” a linda bicicleta que era, também a razão da minha permanência ali. Pelos olhos do homem, eu percebi que a bicicleta de meus sonhos de menino, em breve, evaporara-se da vitrina colorida.

No dia seguinte, logo de manhazinha, pude confirmar a



minha infantil previsão. O Zeca, esse era o nome do garoto, brincava sorridente e feliz

Com bela bicicleta. E, mais por causa dela a nossa amizade estreitou-se e, aos poucos

Foi se firmando e amadurecendo junto conosco.

E os anos se passaram Transformações aconteceram, levando para longe no tempo a nossa infância e trazendo mais perto nossa amizade. E foram vários os Natais em que passeamos nossa despreocupação de adolescentes e de moços pela mesma avenida, perdidos em divagações inconseqüentes. Porém, o tempo se repete... a vida imita a vida. E foi um Natal que...

-.-

“ A noite havia chegado. O movimento da pequena cidade começava a aumentar. No negrume do céu, surpreendentemente sem nuvens e sem nenhum presságio de chuva, miríades de astros e estrelas jogavam galhos de luminosidade serena sobre a terra, anunciando mais uma noite de véspera de Natal.”

Como de costume, Zeca e eu transitávamos por entre aquela gente alegre e esperançosa. De repente, sem que tivéssemos notado, estávamos de novo em frente à mesma vitrina da bicicleta que pedalou nossos sonhos infantis.

No emaranhado tumultuoso das crianças que se equilibravam nos pezinhos para escolher seus brinquedos, uma jovem projetava sua beleza. Sim ela era linda! Os cabelos ruivos haviam capitado os matizes do poente, os

olhos azuis, a pureza do mar e a face lisa e aveludada, o colorido da rosa!

Zeca não olhava mais a vitrina, não via a bicicleta. Seus olhos extasiados buscavam frementes a linda figura feminina. E numa prece apressada e à meia voz, ele pediu ao “Papai Noel” aquela boneca viva, de presente.

Mansamente, pisando flores invisíveis, a moça foi se afastando até desaparecer por entre a desconhecida multidão. Pelos olhos da moça, pelos olhos do Zeca, eu percebi que aquele brinquedo não se evaporaria ainda da vitrina da vida!

-.-

No dia seguinte, logo de manhazinha, pude novamente, confirmar a minha previsão. A moça, a bela ruiva da vitrina, passeava sorridente de braços dados com um moço que não era o Zeca!

Papai Noel o havia blefado! Desta vez, o brinquedo estava com outro... EU!!!

” .

## JOSÉ BELISÁRIO

Há homens que passaram para a história com seus nomes perpetuados. Homens excepcionais que, pelas suas virtudes excelsas e pelo seu procedimento admirável fraternal e amigo, se guindaram à glória, deixaram os nomes gravados com letras de ouro no perpassar dos tempos. “José Belisário” foi um desses exemplos. Grande homem, sua missão foi cuidar das plantas de nosso maravilhoso jardim de outrora, com zéfiros refrescantes do estio a amenizar as adustões abrasantes do sol. Sua feição moral – subir sempre nos conceitos humanos, venerado e amado pelos atrativos da virtude, ainda que os favores pródigos da natureza lhes conquistassem merecidas admirações. Seu zelo, o cuidado e o carinho as suas queridas plantas; o amor e a dedicação às flores e o seu dom incomum de lidar com as ferramentas e especialmente sua garra e ciúme daquele jardim encantado. Naquele tempo de encanto, especialmente nos anos dourados, o nosso jardim era o ponto principal de encontro da sociedade santarritense que aos domingos era embalado pela Banda Zequinha de Abreu e pelo Serviço de Alto Falantes do Jovelino

Augusto Braga. A Banda, com seu lindo repertório, e o alto falantes ,com boleros, Fox, rumbas, sambas brasileiros e músicas clássicas transmitiam um ambiente romântico e agradável, ante os canteiros de rosas, birís, margaridas, hortênsias, lírios e cravos que sobressaiam e derramavam um perfume gostoso da natureza, enquanto as moças mostravam o seu melhor vestido e os moços, bem vestidos, rodavam em sentido contrário, fazendo suas paqueras. Era um ambiente maravilhoso, não faltavam as pipocas do Tunin, as cocadas do Tudi e a garapa, rapadura e o cidrão do Natal Montanheiro.

José uma pessoa simples, amigo fiel, casado, apaixonado pela família e pelo Jardim encantado, era tão intransigente que não se podia apanhar um galho minúsculo de uma árvore e não admitia mesmo que se pisasse em um cantinho de grama que lá estava ele chamando atenção e blefando dizendo: “- Não está vendo não, você está estragando toda a grama do jardim, vou chamar o soldado.” As crianças e a moçada obedeciam-lhe e com medo. Durante o dia, no horário do almoço, juntava uma turma de estudantes debaixo do caramanchão até a entrada às aulas, às 13 horas. O sr. José

queixava-se i ininterruptamente do barulho e de papéis atirados ao chão. Um belo dia, após uma indesejada discussão com o grupo, a moçada começou a chamá-lo de “Zé Queixinhas”, esse apelido pegou de tal forma entre os estudantes, os quais passaram a ser desconsiderados pelo jardineiro. O Sr. José amava tanto tudo o que compunha o jardim: o coreto, as flores, as plantas, os peixinhos vermelhos que ornamentavam o chafariz e os bancos sempre impecavelmente limpos. Era artesão perfeito na poda de árvores, as plantas formavam bichos, pássaros, uma em triângulo, outras redondas e outras ainda quadradas. Quando ainda menino, lembro-me de, numa manhã ao buscar pão na Padaria do Tomaiolo, juntamente com o meu cachorrinho Dick, ele ralhou comigo porque o Dick subiu no canteiro e começou a arrastar as perninhas na grama. Na volta, passei pelo jardim e disse-lhe para não ficar bravo, pois eu amava também muito o jardim, aquelas plantas e as flores, que todos os dias enfeitavam o meu caminho. Ele olhou-me com cuidado e respondeu, sabe Toninho eu conheço bem o seu pai e sua mãe e todos de sua casa, mas pode ir andando porque agora eu vou desabotoar as rosas e acordar as margaridas. Frases essas usadas

até hoje em meus textos literários. Eu cresci, mudei-me para São Paulo, voltei após três anos e encontrei-o novamente, o mesmo Zé Queixinha, o mesmo amor devotado àquele pedaço de terra, os mesmos costumes. Trabalhava das 6h30 minutos até às 22 horas. Além de cuidar do jardim, podava as árvores das ruas que pareciam mais sombrinhas naturais tal era o esmero e o capricho do artista. Eu já namorava a minha esposa quando ficamos amigos próximos. A sua filha Justina trabalhava no Cine Santa Rita, ocasionalmente ele ia à segunda sessão e, antes de deixar o jardim, dirigia-se para nosso banco e pedia para que tomássemos conta de seu trabalho. No dia seguinte, procurava-me para saber do ocorrido em sua ausência. Já naquele tempo era muito querido e admirado por todos, mas doente, ainda assim dedicava-se de corpo e alma as suas plantas e mantinha o jardim florido em todos os canteiros

Uma tarde, quando o sol dobrava na barra do horizonte largando seus estertores sanguíneos, as andorinhas voavam entre as palmeiras imperiais e as pombinhas namoravam nas platibandas da Igreja, aproximou-se de mim com um olhar triste e



me pediu que tomasse conta daquele florido pedaço de terra, razão de sua existência, pois no dia seguinte seria submetido a uma cirurgia no estômago. No outro dia, quando eu passava pelo jardim, senti um trescalar de perfumes vindo de todas as flores e tive um pressentimento amargo, uma tristeza imensa tomou conta de meu ser. Andei mais um pouco e recebi a notícia de que o Sr. José havia falecido.

O jardim todo entristeceu-se, as flores melancolicamente pareciam murchas, as plantas sem o viço costumeiro sentiam, o ar parado e o céu sem nuvens, escurecia toda a praça. Um badalar triste dos sinos da Igreja anunciavam a última viagem do jardineiro que havia dado sua vida e seu amor em troca das belezas que a natureza lhe ofereceu.

## UM NATAL NA MINHA TERRA

No alto de uma colina, bela, romântica, repousa Santa Rita do Passa Quatro, a “minha” cidade. Uns a chamam “Brinco da Colina”, o poeta maior a chamou, de

“Cidade Poema”, porém, eu a considero um présepio vivo, engastado na verde elevação e emoldurado pela luminosidade azul do céu. Seu povo simples e por natureza bondoso, orgulha-se de sua terra pura e simples como ele próprio. De lá saíram, para engrandecer nossa história, figuras que se projetaram no cenário político, econômico, artístico e social do Brasil. Foi lá que nasceu o genial “Zequinha de Abreu”, onde pode-se ouvir pela primeira vez o divino chorinho “Tico-Tico no Fubá” e

**outras melodias que traduzem bem a alma singela do santarritense.**

**Pois foi lá também que eu vi e senti o meu mais comovente Natal. E as imagens vistas e vividas fixiram-se indelévelmente em minha memória. Agora, quando aproxima-se a data magna da cristandade, transporto-me de novo ao mesmo banco da mesma pracinha, de onde bebi com avaréza, o espetáculo que naquele ano, precedeu ao renascer do DEUS-MENINO.**

**A tarde caminhava mansamente. A brisa morna do verão soprava-me felicidade ao rosto. A natureza todinha – se engalanava para apresentar talvez, o mais belo espetáculo de minha vida vida. A noite anunciava a sua chegada, lutando ainda com os últimos raios de sol que insistentemente avermelhavam o horizonte com os estertores sanguinos de sua agonia. Eu, extasiado no meu posto de observação não queria que a tarde acabasse! Tudo ao meu**

redor traduzia-se em beleza e alegria! Mas, contrariando a minha vontade o Sol seguia lentamente o seu curso e como “enfocinhado” entre as sombreadas montanhas, dardejava seus derradeiros fulgores, enquanto a passarada entoava no arvoredo o cântico de despedida ao dia que findava. E, assim, a noite encontrou-me sentado no “meu banco na minha pracinha...” Uma noite diferente, uma noite linda que mostrava orgulhosamente em sua roupagem de ébano a cintilação brilhante de miríades de astros e estelas!

Mãos dadas namorados passavam sem me perceber. Homens, mulheres, crianças... muitas crianças, transitavam pelas ruas sua felicidade! E ali, extasiado, permanecia eu sentado “no meu banco, na minha pracinha” !

E as horas passavam.

**De repente, o bimbalar dos sinos tornou-se mais vibrante, mais alegre! As luzes da Igreja Matriz brilharam com mais intensidade! Parecia que todo fulgor da estrela de Belém transportara-se para a “minha cidade”.ERA NATAL EM SANTA RITA DO PASSA QUATRO!**

**Lentamente levarei-me sacudi os membros entorpecidos e comecei a andar.Meus passos seguiam na direção da Matriz, de onde ecoavam “hosanas” pela vinda do senhor!**

**E... foi ai que eu vi ! !**

**Bem ao meu lado, uma vitrine comum, de loja comum, refletia em seu espelho a minha própria imagem. Virei olhei e ... ENTENDI!!!**

**Sim! Era isso! O VERBO DE DEUS habitava  
entre nós! O VERBO DE DEUS habitava EM  
NÓS. O VERBO DE DEUS habitava EM MIM,  
homem do povo, homem de Deus, HOMEM  
DE SANTA RITA DO PASSA QUATRO!!!**

## O DIA DA VERDADE

Se interrompêssemos um pouco o curso de nossos pensamentos e simultaneamente, os voltássemos para a paz, para o verdadeiro amor ao próximo e ao respeito que devemos às leis dos homens, e principalmente às de DEUS, estaríamos, na certa, caminhando em passos seguros e confiantes para a tão sonhada perfeição.

Vamos, pois, dar asas a imaginação e sem esquecer as leis dos homens, decidamo-nos a observar escrupulosamente, as leis de DEUS por um dia... apenas por um dia! Façamos, agora, um acordo comum e a partir de amanhã comprometemo-nos a cumprir fielmente, os mandamentos de DEUS.

.-

...expectativa...!!!

É madrugada. O primeiro raiozinho de sol cumpre preguiçosamente a sua milenar função de aquecer a Terra. Uma estranha porém sentidamente agradável calma acompanha a chegada do dia em que toda humanidade se dispôs a respeitar mesmo a VERDADE ÚNICA contida nos ensinamentos divinos! A noite acabou-se mais cedo. Os mortais despertam de um reparador



descanso sem as costumeiras reclamações. Em substituição, as orações emulam aos céus, rendendo graças ao novo dia. Nas mesas é servido o mais excelente dos cafés. Os jornais matutinos estão com seu conteúdo restrito, pois desapareceram suas páginas sangrentas de crimes e escândalos.

A mentira e a fraude esconderam-se envergonhadas além da imaginação! Não se deitou água ao leite. Ninguém matou ninguém e é por isso que os jornais estão tão vazios!... Os estudantes procuram as escolas alegremente, pois já não existe mais a preocupação de enganar os mestres. Com toda tranquilidade, os chefes de famílias se encaminham para o trabalho. Hoje a mentira cedeu lugar ao cumprimento do dever. Os operários vão alegremente para as fábricas, reencenar os seus trabalhos. Não há murmúrios contra os patrões e colegas. As donas de casa vão às compras e milagrosamente não pagam um centavo a

mais do valor real de cada mercadoria. Ninguém mistura “gênero humano com São Germano” para visar maiores lucros. O pão de cada dia está que é uma beleza! Branquinho e puro! Não há necessidade de se desequilibrar nos coletivos para conferir o troco! A honestidade é patente!!!

E os conclaves políticos? Ah! Os conclaves políticos! Neles as ameaças, as pregações cheias de ódio desintegraram-se diante da VERDADE das lidimas reivindicações. A intriga não encontra mais lugar nas reuniões amigas. Nas ruas a policia está empenhada, apenas em ajudar o próximo, pois não há mais necessidade de policia-lo. As prisões se abriram, pois os deli quentes não mais existem. Os cidadãos se apressam em pagar suas contribuições.

E novamente a noite chega! O chefe da casa regressa de seu trabalho. Sua esposa espera-o eufórica, de consciência tranquila, na alegria de ter mantido um lar honrado,

respeitado e especialmente, liberto de todas as mentiras que a cada hora, a cada minuto, a cada segundo, o mundo lhe proporcionava. Logo em seguida, o filho chega da escola, corado, saltitante e feliz pela gostosa sensação do dever cumprido.

O “Dia da Verdade” termina... No céu as constelações brilham... um brilho de verdade... um brilho de amor que se transformaria em perene realidade se... se a humanidade cumprisse, não só um dia, não só um mês e não só um ano, mas sempre , a filosofia do amor e da bondade ditada há séculos por um homem humilde e descalço que pregava na Galiléia.



## **NOSSO PÉ DE MANACÁ**

O amanhecer passou e o vento varreu as folhas amarelas das árvores, limpando e alargando caminho para a chegada do verão.

Uma manhã do mês de agosto, cheia de luz, temperada ao sopro de uma brisa fresca do final do inverno. Um daqueles momentos onde o futuro espera com seus prazeres e glórias e o solilóquio nos domina.

A nossa casa, amanheceu e todas as janelas ficaram abertas e silenciosamente espreitava a natureza lá fora, o beija-flor a sugar o néctar das pequeninas flores, o balanço compassado dos galhos das arvores e o respirar junto ao cortejo de uma fragrância suave e de agradável odor, faziam piar os pardais, contracenando com a beleza e o canto mágico do bem-te-vi .

Um dia de inteira beleza!!!!

Há dias tão lindos que se seguem durante meses e meses, especialmente em nossa querida Santa Rita. Dias estes em que gostaríamos ter ao nosso lado todos os nossos entes queridos, para juntos deliciarmos e sufocarmos a saudade festejando as nossas reminiscências.

Um belo dia... , porém sórdido, ouvindo no tropel do meu coração o murmúrio de saudade que me faz

alongar o olhar, ver o sol lã no alto e na vastidão imaginar o outro lado do mundo, embalar recordações indeléveis e sutis que se desagrega da memória e de repente, alegra os olhos e alvoroça a alma.

De pé, ao lado de fora da porta do quintal, contemplo um mundo dimensionado. Ali, tudo tem o teu espaço, desde as minúsculas plantinhas até a gigantesca jabuticabeira.

E, entre o pequeno mundo, vejo uma árvore que me fascina, encanta e perfuma.

O “Nosso Pé de Manacá”, vi rente e lindo, que mostra acima das agruras com benção, como um palio de força e como uma bandeira de paz e consolo.

O momento parece todo triste, menos tu árvore protetora do meu quintal, de energia perene, de flores brancas, roxas, lilases, rosadas e azuis. Tu Manacá de perfume suave, a

trescalar divisas, acariciando olfatos, enternecendo os puros sentimentos, que orvalham os sentidos no murmúrio das recordações.

O meu pé de manacá simboliza melhor a alma pura da minha gente, que há tempos conquista o mistério das recordações.

É o grande guerreiro verde no cálido verão, grande companheiro, florido nas frias tardes de inverno. É o penacho orgulhoso de nosso quintal.

Quando o tempo acinzenta e enegrece, tudo pende e ressentido, mas tu, “Pé de Manacá”, ficas mais forte, mais verdejante, mais lindo, e, sacudindo ao vento no espaço, espalha perfumadas flores como se te alimentasse das nossas doridas saudades.



Eu te contemplo “Pé de Manacá”,  
Deus que te abençoe, salpicando flores  
nas praças e nos quintais. Nos dias  
pardacentos agrisalhado, preto, como  
protesto contra o flagelo que tomba o  
céu de dor e de saudade. No sussurrar  
do vento, a melodia de tuas folhas e o  
perfume da tua existência.

Nosso Pé de Manacá, nosso  
guerreiro!

Nossa paz, nossa alegria!!!!

Nosso escudo.....

Nosso penacho colorido de  
saudade ....

## FLORES DE GRATIDÃO

Quando surgem os matizes da primavera e se coloram as barras do horizonte, com meia sombra do dia que fenece, outras cores surgem e ouve-se tão somente aqui e acolá o pipilar da ave tristonha que se despede. O sol se desfaz das cores rebrilhantes e entra atufado na penumbra que aumenta e entenebrece.

É um momento eterno que me reconduz indelevelmente ao dia 26 de setembro de 2008, numa noite de gala, quando Rotary Clube brindou-me com homenagens e momentos eternos, a mim e a toda minha família. E assim, nesta mesma emoção frondente, adornada de um sentimento profundo, convidei minha família para uma reunião a fim de externar a nossa gratidão pela realização do inesquecível evento. Chamei minha querida esposa, meu filho Mozart e família, minha filha Tânia e família, meu filho Antônio Fernando e minha filha Marinela e família, via internet, já que a mesma reside na Itália na cidade de Jesolo. Neste encontro, solicitei a todos que colaborassem na busca por um ramalhete de flores a fim de se entregue ao Rotary. Pedi-lhes que necessariamente teriam que ser compostos por flores riosas como as ondas do sol, cintilantes como as estrelas e perenes como a vida. Saíram todos à procura das flores: minha esposa Nereide, amante e conhecedora de flores, mais experiente, foi a primeira a se apresentar: - Veja, meu querido, eu trouxe um ramalhete de rosas. Estão fresquinhas. Acordei-as agora

para compor o mimo.

- As rosas são maravilhosas, minha querida.

Muito perfumadas e simbolizam o amor, mas

não é o que eu desejo.

Em seguida, veio meu filho Mozart

representando sua família:

- A riqueza de nossa flora é surpreendente.

Muda, por assim dizer, cambiantes a toda

hora, mas entre as variedades, escolhi um

ramalhete de margaridas.

- Meu filho, as margaridas são lindas.

Simboliza para os namorados a flor do

romance, mas também não é o que desejo.

Logo mais chega minha filha Tânia e família.

- Papai, como é vasta a riqueza brasileira.

Fica difícil escolher, mas trouxemos um

ramalhete de lírios brancos, despertados e

colhidos em nosso jardim.

- Filha, o lírio é muito belo, até exuberante e

representa a paz tão solicitada neste

momento de tanta dureza de pensamento.

Mas para a minha finalidade também não vai

servir.

Depois se apresentou meu filho Antonio

Fernando, oferecendo um ramalhete de

cravos vermelhos.

- Meu filho, o cravo trescala um perfume

suave e embriagador e é a flor da paixão. Fez-me lembrar meus pais, meus irmãos e o canteiro de cravos que era cultivado em nosso jardim. Quanta saudade! Neste entardecer, parece que até sinto o aroma perfumado desta flor! Mas infelizmente ainda não é a flor para este momento. Após ter visto todos os ramalhetes conectei-me com minha filha Marinela e família:

- Boa tarde, Marinela! Tudo bem ai?  
-Tutti Bene!  
- Como andam as flores por ai?  
- Nesta época do ano, enquanto ai é cálido, aqui o inverno é áspero, de noites ríspidas. As plantas e as flores se despedem e tudo embrutece. Sugiro um ramalhete de ipê que é o símbolo sagrado de nossa pátria.  
- Filha, o ipê é a árvore sonhadora de venturas a penachear o porvir de grande glória do Brasil, mas ainda assim apesar de sua flor bela e rica não satisfaz meus desejos. Vou me despedindo, um abraço ao seu esposo Antonio Carlos e um beijo a você e ao Lucas de toda nossa família.  
- Papai, “ciao” um “bacio” ao senhor e a todos!

A tarde caminhava lentamente. A hora era

fugaz e estonteante com ânsias do infinito e o esponsal da natureza que envolve um himeneu de luz o mundo e os homens. No momento, estávamos na varanda de minha casa. Uma brisa fresca soprava e roçava o rosto. Eis que surpreendentemente surge minha neta Ana Carolina com seus filhinhos, meus bisnetos, Logan e Samira. Logan, um belo e peralta garoto de quase quatro, e Samira, uma garotinha linda e simpática de dois anos que já fala tudo. Ambos são espertos e comunicativos. Ao chegarem, as crianças começaram a querer tudo, especialmente a nossa atenção. Mas estava difícil atender-los o motivo era o entardecer e os ramalhetes de flores, então dispusemo-nos a andar até a Praça Zequinha de Abreu. Durante o percurso, Samyra, com seu jeitinho agradável e Logan com sua maneira irrequieta chamaram-me a atenção e com os dedinhos indicadores apontados para a barra do horizonte rumo ao sol que se atufava, diziam está lá... está lá...esta lá.... Prestei bastante atenção aos seus gestos e dirigi meu olhar à direção em que eles me indicavam e senti que a tarde flamejava e as nuvens formavam imagens confusas a cada instante.

Olhei mais firmemente com o olhar voltado a mesma direção e vislumbrei um grupinho de nuvens multicoloridas que em seus movimentos mais parecia um ramalhete de flores. Foi o momento em que vi o meu mais comovedor ramalhete de flores da gratidão. Esses ramalhetes coloridos que as tardes nos presenteia estampando no céu lindas imagens na despedida de cada dia para refletirmos e nos deliciarmos com sua beleza. Este ramalhete de flores da gratidão eu ofereço a cada componente do Rotary Clube em meu nome e em nome de minha querida família.

## BELA A VIDA É

Como é bela a vida, ela se assemelha ao coração do poeta, cheio de sonhos e suavidade.

Se abrimos a cortina dos olhos deparamos com toda vastidão que a vida nos oferece - o céu com infinito azulado, no ocaso vermelhado, espargindo fios esplendorosos, esmaecendo, sufocando o crepúsculo entre o claro e o escuro.

As flores, entreabrindo-se umas, outras exóticas, perfumadas, rasteiras e trepadeiras, ornamentando os jardins,



praças, campos. Servindo de mimo aos noivos e última oferenda aos mortos.

O arvoredado, verde escuro, claro, de todas as tonalidades com seu milagroso dom de servir os sobreviventes da terra, oferecendo abrigo e fruto. Acenando constantemente os seus galhos, para ensinar o homem que vida é movimento para o alto e não para sua própria sombra.

As águas que nascem cristalinas no alto da montanha, marejando entre as pedras e descendo aos arroios, vão se juntando com outras águas até chegar ao mar, seu pai celestial, o coração de Deus.

O sol da aurora, cheio de esperanças, tocando carinhosamente os telhados das casas, acordando com seus raios dourados os pássaros que festivamente cantarolam as delícias da vida.

O ar puro das longínquas paragens, a brisa fresca roçando o rosto, o vento quente bafejando o dia cálido.

A noite escura, a noite clara, miríades de estrelas luzindo, o orvalho invisível

descendo, molhando os campos e a lua namorando a natureza vai iluminando os boêmios nas ruas desertas a serestar.

Como é bela a vida, ela se assemelha à face da menina moça, cheia de vivacidade, pureza, sonhos e poesia. Esplendorosa como as rosas, violetas, miosótis, buquês de todas as cores. Ela se assemelha à faceirice da mulher charmosa que matiza todas as gerações com sua graça, seu olhar e o seu sorriso natural.

A vida é bela como as plantas floridas e as raízes são flores escondidas no seio da terra que modestamente enfeitam nossas vidas e nossos dias em troca simplesmente de nossas observações.

Como é bela a vida, ela se assemelha a você!

...